

JOCELENE DE ASSIS IGNACIO

**A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO NA AFIRMAÇÃO OU NEGAÇÃO DA
IDENTIDADE LOCAL:
UM ESTUDO DE CASO DA FAVELA DO JACAREZINHO**

B
TEL

CCJE/ IPPUR
2003

**A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO NA AFIRMAÇÃO OU NEGAÇÃO DA
IDENTIDADE LOCAL:
UM ESTUDO DE CASO DA FAVELA DO JACAREZINHO**

**A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO NA AFIRMAÇÃO OU NEGAÇÃO DA
IDENTIDADE LOCAL:
UM ESTUDO DE CASO DA FAVELA DO JACAREZINHO**

Jocelene de Assis Ignacio

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de especialista em Planejamento Urbano.

Orientadora: Profª. Luciana Lago.

Rio de Janeiro
2003

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Introdução | 7 |
| Capítulo 1 | |
| Seduzidos pelo emprego e abandonados pelo Estado | 15 |
| 1.1 - Não Há Vagas | 15 |
| 1.2 - Os Desabrigados Urbanos | 18 |
| Capítulo 2 | |
| A Influência do Espaço na Formação da Identidade | 28 |
| 2.1- Quadro Histórico da Favela do Jacarezinho | 29 |
| 2.1.2 Entre o Formal e o Informal | 32 |
| 2.2 - A influência do espaço na formação da Identidade Local | 39 |
| 2.2. - Identidade, Pobreza e Exclusão Social | 40 |
| 2.2.2 - Espaço e Identidade Local | 44 |
| Considerações Finais | 52 |
| Referências Bibliográficas | 54 |
| Anexos | |
| 1 - Quadro da construção do Discurso do Sujeito Coletivo | |
| 2 - Entrevistas | |

AGRADECIMENTOS

"Quem tem um sonho não cansa de lutar em busca da realização de seus ideais"

Neste período de difícil caminhada gostaria de agradecer a um exército de pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste importante momento.

A Iara de Assis por ser um exemplo de mulher, de luta, de mãe, que mesmo neste seu momento de imensa batalha pela vida me reserva um lugar muito especial nas suas conturbadas lembranças.

Ao movimento dos Pré-Vestibulares para Negros e Carentes - PVNC que foi o meu veículo de acesso a universidade e vem sendo o meu campo de batalha por uma Educação mais justa e igualitária.

À Comunidade do Jacarezinho e em especialmente aos jovens guerreiros do núcleo do pré-vestibular, pela grande colaboração na realização deste trabalho e pela contribuição não só na minha formação profissional mas também na minha formação para a vida.

Ao Laboratório Território e Comunicação Labtec/UFRJ pelo fundamental apoio técnico e a toda família Labtequeana pela força e pela confiança no meu potencial de trabalho.

A Luciana Lago pela disponibilidade, pela paciência e pelos importantes toques na orientação deste trabalho. Não esquecendo da preciosa colaboração dos mestres do curso de especialização e do grande apoio dos técnicos da secretaria IPPUR na realização deste trabalho.

A minha família pelo apoio incondicional as minhas aventuras acadêmicas, pelo grande carinho que recebo e tenho por ela e em especial as minhas irmãs Jocélia e Jussara, amigas, confidentes e companheiras.

As minhas irmãs Janete Bastos e Maria Claudia Cardoso pelo companheirismo, pelo carinho da nossa amizade e pela fundamental crítica construtiva sem a qual este trabalho não teria a mesma qualidade.

A Andréia Prestes, Bárbara Zampaglione, Eliane Santos, Joselice Souza, Leonora Corsini e Pat Daros pela agradável convivência que ajudava a relaxar o estresse desta difícil jornada acadêmica.

A José Geraldo Casadei, Iza Paula, Rosangela da S. Oliveira, Fabiane Inácio, Marcio André e Meyre Simoni amigos que a distância física não conseguiu afastar a proximidade da alma.

A todos aqueles que contribuíram de alguma maneira para a minha formação meu êxito; compreendendo as minhas ausências, compartilhando meus ideais e incentivando-me a prosseguir diante das quedas e dos obstáculos que encontrei pelo caminho; com um sorriso amigo, uma palavra de carinho e de amor. Ofereço meu sonho, um quente abraço, um gostoso beijo, e as honras do meu certificado.

A autora

Rio de Janeiro, 30 de abril de 2003.

INTRODUÇÃO

A palavra favela, historicamente, vem sendo empregada em múltiplos usos. Acreditamos existir nesta palavra um jogo sociocultural que faz parte de um conjunto de estratégias do nosso modelo econômico que tende a legitimar a mobilidade social de determinados indivíduos ou grupo social. Esta ação se manifesta através de impactos negativos causados pela distância e também pela proximidade, real e simbólica, das classes sociais no espaço da cidade.

As favelas estão inseridas na paisagem urbana desde o final do século XIX. Porém, somente a partir de 1930, elas começam a marcar oficialmente espaço da cidade. Já no primeiro Censo oficial a levantar a população das favelas, realizado em 1948, estava identificada, dentre as 405 favelas existentes nesta ocasião, uma população de 138.837 habitantes, que já representavam 7% da população que habitava o antigo Distrito Federal. Este percentual estava distribuído por toda a área urbana da cidade do Rio de Janeiro colaborando, assim, para o próprio processo de crescimento da cidade (Valladares, 78:22).

Para Hoffman (1997), a partir dos anos 50, a pobreza urbana já passava para primeiro plano dos debates da política econômica do país. A autora entende que neste contexto, o discurso sobre pobreza ganha um novo porta voz, o cientista social e, as discussões a cerca deste assunto passaram a ser remetidas ao mercado de trabalho, passando agora pelo debate mais amplo da modernização, da marginalidade e dos obstáculos à mudança social.

Observamos que o processo de criação e de formação da cidade foi se afirmando através de disputas políticas realizadas no espaço urbano, em muitos momentos capitaneadas pela figura do próprio Estado que, em muitos momentos, foi privilegiando nas intervenções efetivadas no

processo de formação e organização da cidade, uma parcela privilegiada da sociedade. Acreditamos, que através da exposição deste cenário, será possível mostrar como as classes populares foram ocupando os locais da cidade segundo critérios, em muitos casos subjetivos, impostos pelo processo de urbanização e industrialização.

Nesta miríade de discussões, Carvalho (2001) afirma que mesmo diante desta desigual distribuição do espaço urbano, a cidade vai se mostrando conformada com sua paisagem: ricos e pobres habitando um mesmo território, embora em todas as outras dimensões também fossem visíveis as fronteiras. Nesta perspectiva, o conceito vai sendo acompanhado pela imagem; e a cidade passa a ser definida como “partida”. Ou seja, um mesmo espaço dividido entre o “morro” e o “asfalto”. Assim como a autora entendemos que muitos valores vão se perdendo nesta tentativa de sintetizar e/ou simplificar os complexos problemas urbanos, que já vem congestionando a pauta de estudos há, aproximadamente, três décadas.

Neste contexto observamos que as “favelas”, seja enquanto substantivo seja enquanto adjetivo, se tornou uma peça principal no jogo de cartas marcadas, cuja as regras foram ditadas por um sistema econômico que somente pode ser afirmado a partir da existência de uma base de apoio materializada nos espaços populares.

Diante destas apreensões, este trabalho tem por principal objetivo pontuar os aspectos que vêm colaborando para a afirmação ou negação da identidade local dos moradores de favela. Para obtermos uma maior aproximações junto ao tema consideramos como sujeitos da pesquisa um grupo de moradores da favela do Jacarezinho envolvidos na ação do Pré-Vestibular Para Negros e Carentes (PVNC) que se constitui como um movimento que busca alcançar um

caráter político de conscientização das relações excludentes na sociedade, enfocando questões macro e micro, mas, demarcando o nível local como um espaço privilegiado desta formação¹.

Para nós, a importância desta investigação, na referida localidade, se dá à medida que pesquisas, estudos e análises das políticas públicas realizadas no estado (Zaluar, Alvito Burgos: 1997 e outros) testemunharam a existência de um longo período de “intervenções públicas realizadas nos espaços favelados - não só por instituições privadas mas, principalmente, pelo próprio Estado, apoiadas por mecanismos de reabilitação social, moral, econômica e sanitária que acreditavam serem necessários para a integração dos moradores à comunidade não somente no modo de habitar, mas também no modo de pensar e viver”. (Carvalho,2000:1).

Acreditamos que este olhar para os espaços populares foram compartilhados durante muito tempo por “importantes organismos governamentais, em seus estudos sobre cidadania, pertencimento, inclusão, usufruto de direitos e acesso pleno aos direitos fundamentais” (Martinelli, 1996:142). Salientamos que tais conceitos negativos sobre os espaços "favelados" e, conseqüentemente, dos seus moradores, ainda hoje se encontram impregnados e reforçados, principalmente, por determinados meios de comunicação de massa que continuam alimentando a imagem dos espaços "favelados" com notícias quase sempre negativas, enfatizando muitas vezes apenas o tráfico de drogas e a violência.

Assim, a sistematização das informações levantada neste trabalho poderá apontar os efeitos dos conceitos que vêm permeando as ações públicas nos espaços favelados e a maneira que estes ainda influenciam na mobilidade social dos seus atuais moradores. Acreditamos que

¹ Para maiores informações ver: NASCIMENTO, Alexandre do. Movimentos Sociais e Educação: O trabalho do Pré-Vestibular para Negros e Carentes. Anais do II Congresso Nacional de Educação. Belo Horizonte, 1997.

estes carregam, mesmo que involuntariamente, o estigma advindo da herança do processo de organização que deu origem aos seus locais de moradia. Estes carregam a "marca do perigo" e a identidade social pautada na idéia de pobreza, miséria, família desagregada, criminalidade e delinqüência que lhe é estendida.

Pretendemos através da retomada das etapas de formação do território urbano, apresentar como se deu o processo de construção dos espaço populares e, concomitantemente, como se constituiu a identidade de seus moradores com o local. Neste caminho, buscaremos destacar a influência da formação deste espaço no processo de afirmação ou negação da identidade local.

Para constituir a nossa metodologia de trabalho, utilizamos o discurso do sujeito coletivo proposto por Lefèvre (1996), pois, acreditamos assim como o autor que em termos metodológicos as falas ou discursos ganharão destaque neste trabalho, por serem reveladoras de condições estruturais de sistema de valores, normas e símbolos. Assim, julgamos que a metodologia mais adequada seja a qualitativa, pois através dela, as questões subjetivas ganham relevância permitindo a compreensão do significado que os sujeitos dão à sua inserção nas relações societárias, e conseqüentemente como se posicionam nesse processo dialógico com a realidade.

A análise dos dados está baseada em informações coletada através de entrevistas semi-estruturadas. Esta técnica foi considerada apropriada para alcançar os objetivos deste estudo, pois, ela nos permite direcionar o nosso olhar planejando antecipadamente a um roteiro a ser seguido, mas que nos proporciona a liberdade de permitir novas interrogações que enriquecem o processo investigativo.

estes carregam, mesmo que involuntariamente, o estigma advindo da herança do processo de organização que deu origem aos seus locais de moradia. Estes carregam a "marca do perigo" e a identidade social pautada na idéia de pobreza, miséria, família desagregada, criminalidade e delinqüência que lhe é estendida.

Pretendemos através da retomada das etapas de formação do território urbano, apresentar como se deu o processo de construção dos espaço populares e, concomitantemente, como se constituiu a identidade de seus moradores com o local. Neste caminho, buscaremos destacar a influência da formação deste espaço no processo de afirmação ou negação da identidade local.

Para constituir a nossa metodologia de trabalho, utilizamos o discurso do sujeito coletivo proposto por Lefèvre (1996), pois, acreditamos assim como o autor que em termos metodológicos as falas ou discursos ganharão destaque neste trabalho, por serem reveladoras de condições estruturais de sistema de valores, normas e símbolos. Assim, julgamos que a metodologia mais adequada seja a qualitativa, pois através dela, as questões subjetivas ganham relevância permitindo a compreensão do significado que os sujeitos dão à sua inserção nas relações societárias, e conseqüentemente como se posicionam nesse processo dialógico com a realidade.

A análise dos dados está baseada em informações coletada através de entrevistas semi-estruturadas. Esta técnica foi considerada apropriada para alcançar os objetivos deste estudo, pois, ela nos permite direcionar o nosso olhar planejando antecipadamente a um roteiro a ser seguido, mas que nos proporciona a liberdade de permitir novas interrogações que enriquecem o processo investigativo.

No cerne dessa trajetória metodológica, o conceito de “Representação Social”, enquanto uma categoria geral, entendida como “*senso comum, idéias, imagens, concepções e visão do mundo em que os atores sociais possuem sobre a realidade (...)*” (Minayo, 199:173)”. Dessa forma, concordamos que “*as representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, metais, sociais, integrando a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais e à realidade material, social, ideativa sobre qual elas intervêm*” (Jodelet, 1989 in Spink, 1993:304)

Realizamos um estudo qualitativo, onde foi mapeado o significado construído ou atribuído pelo grupo investigado ao termo favela, a partir da relação que este estabelece com o seu espaço de moradia. Lembramos que na construção da análise dos dados levantados foi considerado a consciência histórica dos atores envolvidos, onde esses deram significados e intencionalidade as ações e construções (Minayo:194), esta possibilidade nos levou a escolher o caminho que julgamos mais apropriado para alcançar o resultado perseguido por este trabalho. Enfatizamos que no transcurso da investigação foi necessário nos apropriarmos de dados quantitativos devido a complexidade das informações existentes sobre o campo estudado.

As informações a cerca do objeto investigado também foram levantadas através dos sujeitos envolvidos na ação do Pré-Vestibular para Negros e Carentes. Através das falas, procuramos entender como estes concebem a favela e quais as condicionantes que os levam afirmar ou negar qualquer identidade com o local de moradia. Na visualização deste ponto foi necessário nos reportarmos ao conceito desenvolvido por alguns autores a cerca da categoria exclusão-inclusão social. Buscamos assim, compreender a influência do discurso dos agentes externos na afirmação ou negação da identidade local.

Como já mencionado anteriormente, as falas foram analisadas pelo método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) de *Fernando Lèfevre*, que utiliza a pesquisa qualitativa em forma de questões abertas. Entendemos, assim como o autor, que “*é a recuperação da ‘fala do social’, isto é, dos discursos que tem como emissores os grupos, coletividades, classes e*

extratos sociais.” Desta forma, o conteúdo da fala dos atores sociais pode ser de natureza individual ou coletiva, onde o informante se expressa livremente (Minayo, 1994). Vale dizer que priorizaremos nesta análise os aspectos referentes ao tema estudado, assim, ilustraremos no modelo do quadro estruturado tópicos que sejam pertinente ao objetivo investigado.

Encaminharemos em anexo o resultado da pesquisa empírica onde, na construção da análise optamos por trabalhar por via da abordagem com *"grupo focal"*, pois, acreditamos ser este o método mais coerente para a investigar a representação social. Vale revelar que o grupo focal se configura como um grupo de discussão onde cada participante pode falar sobre determinado assunto de interesse, logo, ele é útil para designar questões a partir de um guia individual de informações para estruturar o roteiro da entrevista.

A análise dos discursos foram realizadas através das figuras metodológicas consideradas em pesquisa qualitativa como a: ancoragem, idéia central, expressão chave e o discurso do sujeito coletivo. Entendemos que com esta proposta os discursos não se anulam e permitem construir um universo, ou seja, reconstruir com pedaços dos discursos individuais - como em um quebra-cabeça - o desenho da realidade através das falas que expressa o significado das representações sociais.

A partir da observação dos resultados concordamos com Perlman (1977,148-149), quando esta discute a teoria da marginalidade pensada por Oscar Lewis, tão perversa quanto a pobreza é a introjeção da condição subserviente marcada pelo espaço geográfico em que se habita. Perlman, "considera que este fato cria um círculo vicioso de pobreza, supostamente, mais difícil de vencer que a própria penúria econômica." É nesta perspectiva que a autora discorda da maioria dos estudos realizados pelos sociólogos que apenas *"descrevem as diferenças entre os pobres e uma norma de classe média idealizada, e concentram-se a partir de então em analisar os sintomas, ao invés das causas, dessas diferenças"*. Na análise da autora, essa teoria corroborou no subsidio da maioria das ações e programas assistenciais do poder público que, geralmente, desenvolvem ações distantes da realidade da população mais empobrecida, costumam "culpar o pobre pela sua pobreza". Desse modo, trabalhamos com a hipótese de

que durante muito tempo as intervenções públicas realizadas em espaços de favelas, estavam apoiadas em conceitos pré-concebidos, distante da realidade dos moradores. Isto se reflete no processo de construção da relação identidade/espaço, entre os moradores que experienciam a mobilidade social.

Para melhor discutir a questão, o corpo deste trabalho está dividido em três partes: no primeiro momento faremos um breve resgate do processo de urbanização e industrialização, para que possamos entender o contexto em que surge as favelas e os bairros onde habitam as classes mais empobrecidas. Para ilustrar o trabalho, apresentaremos como referencial de análise, o processo histórico que deu origem à favela do Jacarezinho, situada na Zona Norte do Rio de Janeiro. Posteriormente, construiremos o nosso conteúdo empírico, a partir da fala dos moradores da favela do Jacarezinho, envolvidos na ação do Pré-Vestibular Para Negros e Carentes, situado no interior desta comunidade. Estes serão interrogados a cerca da existência ou não de conceitos preconcebidos, assim como da influência destes fatores no seu cotidiano, pelo fato de residirem na favela. Através deste contato pretendemos identificar os impactos da ação do poder público no processo de organização da cidade, na formação da identidade dos moradores de favelas.

A escolha desta comunidade se deu não só pela proximidade que temos com alguns dos moradores desta favela, por via da realização de trabalhos profissionais, comunitários e acadêmicos mas, principalmente, pelo fato desta região ter abrigado na década de 80, o 2º Parque Industrial do Estado do Rio de Janeiro. Logo, notamos que o desenvolvimento desta dinâmica se constituiu como um referencial onde se pode identificar elementos que permitem ilustrar, entender e avaliar as transformações do mundo do trabalho, suas causas e conseqüências para a classe trabalhadora.

1- SEDUZIDOS PELO EMPREGO E ABANDONADOS PELO ESTADO

1.1 Não há vaga

Na década de 60, o Brasil se caracterizava por ser um país onde a maioria estava vivendo na cidade. Neste contexto, o Rio de Janeiro encontrava-se entre as cidades brasileiras de maior crescimento do período. Atualmente, mesmo tendo esta cidade registrado o menor índice de crescimento urbano dos últimos 20 anos, podemos ainda, através dela visualizar o fosso que foi alargado entre os índices de urbanização e de absorção da força de trabalho na década de 60, principalmente, do setor industrial (Perlman, 1977,31). Para a autora, este rápido crescimento pode ter ocorrido também em outras cidades dos países em desenvolvimento e, certamente, este fator pode ter colaborado para aumentar as dificuldades destes em garantir incrementos em termos de oportunidades de trabalho, serviços urbanos, infra-estrutura, acomodações e capacidade administrativa, que permita absorver o atual crescimento populacional.

Neste cenário, o economista Celso Furtado apud Perlman (1977:33), observa como principal problema a supermecanização mais do que a superurbanização, ainda que estes pontos de vista não se excluam mutuamente. Variados² estudos sobre o processo de industrialização e urbanização não nos deixam dúvidas que ambos os processos influenciaram diretamente na dinâmica e na composição da estrutura do emprego, principalmente, nas cidades. Haja visto, que estes se constituíram como um dos principais motivos que, na visão de alguns pesquisadores, impulsionaram um número significativo de pessoas a morar nas cidades, em especial nas cidades-capitais.

² Ver: Campbell (1992), Harvey (1982) e outros.

Torna-se importante revelar, que este dinamismo aliado às características do modelo brasileiro de sociedade acentuou a exclusão social, colaborando então para a expansão no mundo urbano de um grande contingente de subempregados que estariam expostos às incertezas de um mercado de trabalho dinâmico, porém instável, cujo funcionamento alimentou e foi alimentado pela existência de um "exército ativo de reservas" (Faria, 1988:105). Esta análise nos mostra que tais processos são resultados de uma estrutura social urbana que já há algum tempo se expressa de maneira diferenciada e segmentada. Onde, "... estratos ocupacionais de rendas muito elevadas e altas que, embora numericamente reduzidos, dispõem de grande poder de compra além de influência política e social, numa sociedade cujo o autoritarismo e o elitismo sociais saíram fortalecidos(idem., p.105).

Para Coimbra (2001:80), estes fatores são reflexos de modelos econômicos vigentes que, para funcionar necessitam excluir vastos setores da população. A autora acredita que é desta maneira que o capital vai produzindo a miséria, pois este precisa dela para a sua existência. Haja vista, que em sua lógica de funcionamento é imprescindível a existência da pobreza.

Para entender as recentes transformações ocorridas nas estruturas sociais de países em desenvolvimento da América Latina, especialmente as referentes ao mercado de trabalho e instâncias da vida social como: a educação e a moradia, Kaztman (2001) observou os impactos das recentes mudanças no mercado de trabalho e também em outras esferas da vida social. O autor examinou as variadas formas que compõem a pobreza urbana da região citada e, através desta investigação, identificou o aumento da distância social entre os pobres urbanos, os técnicos e, concomitantemente, as instituições que orientam o desempenho dentro de normas e valores dominantes na sociedade construídos em determinados momentos históricos, que não respeitam a diversidade cultural.

Para explicar a origem da pobreza, o autor estudou várias estruturas sociais e nela percebeu que existe uma relação diretamente proporcional entre a distribuição dos pobres urbanos no solo e a distância que os separam de outras categorias sociais no mercado de trabalho. Ele afirma que esta distância também pode ter induzido as dificuldades das classes mais empobrecidas em acessar os serviços de infra-estrutura básicos, ainda que estes sejam públicos, devido a vários fatores, dentre os quais o fato da sua localização residencial estar situada em área geralmente segregada.

A partir das suas investigações, o autor supramencionado aponta para as mudanças ocorridas no mercado de trabalho como um dos fatores mais significativos no acirramento da pobreza urbana. Ele também acredita que tais transformações foram ocasionadas, principalmente, pelo processo de desindustrialização, pela redução do Estado e pela acelerada incorporação de inovações tecnológicas, que em determinados setores de atividades, reduziram significativamente o número de ocupações protegidas e estáveis aumentando, assim, as distintas formas de inserção entre os trabalhadores de "alta" e de "baixa" qualidade, intensificando os problemas de desemprego e subemprego em determinadas localidades.

Buscando investigar os reflexos não apenas ocasionados pelos processos econômicos mais também o sociais Kowarick (1983:29) observa que as condições de vida passam a depender de uma série de fatores dos quais as dinâmicas das relações de trabalho são o ponto primordial. Assim, o autor propõe como ponto de partida para análise da realidade da classe trabalhadora através uma releitura do processo de expansão urbana com seus serviços de infra-estrutura, espaços sociais e níveis de consumo. Para ele estes aspectos estão diretamente ligados ao processo de acumulação de capital. Assim, entendemos que a partir da apreensão

destes pontos será possível perceber o processo que culminou na distribuição desigual da população no espaço urbano.

1.2 - Os desabrigados Urbanos

Sabemos que no Brasil, o século XVIII marca o início do desenvolvimento da urbanização. Entretanto, é no final do século XIX e princípios do século XX que ocorrem os grandes avanços associados à industrialização. Neste período, as grandes cidades se tornaram o espaço em que mais força tiveram para atrair e manter pessoas pobres, ainda que em condições subumanas (Santos, 1994). Estudos realizados pelo autor revelam que:

"Algumas atividades continuam a crescer, ao passo que a população se empobrece e observa a degradação de suas condições de existência. A cidade(...), como relação social e como materialidade, torna-se criadora da pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico de que é o suporte como por sua estrutura física, que faz dos habitantes das periferias (e dos cortiços) pessoas ainda mais pobres. A pobreza não é apenas o fato do modelo socioeconômico vigente, mas também, do modelo espacial"(Santos, 1994:10 apud Coimbra 2001).

Acreditamos assim como Perlman (1977:39), que dentre os motivos que levaram as pessoas a se deslocar das suas regiões de origem, está a divisão cada vez menor de lotes para a agricultura de subsistência, ocasionados ou pelos latifúndios, ou pela mecanização da lavoura. Para autores como Werner (1964) e Herve (1966) (apud Perlman, 1977:38), o verdadeiro imã, portanto, é a imagem de uma porta aberta e de ilimitadas opções para o futuro, em contraste com o círculo fechado da vida no campo.

Observamos que o processo de industrialização acelerado e o processo de urbanização brasileiro apresentaram problemas, não somente no que diz respeito à organização e à potencialização da economia, mas também, no que diz respeito à infra-estrutura urbana. Para Oliveira (1994:38-39), esta situação pode ter sido ocasionada pelo caráter autárquico das

produções para as exportações, ou seja, ela embótava a divisão social do trabalho e não dava lugar para o surgimento de novas atividades cujo centro natural fosse as cidades. Na sua análise, o autor reforça que o fato da sociedade brasileira ter sido fundada no trabalho escravo-compulsório, quase por definição, dificultaria a criação de um mercado onde pudesse se dar à formação tanto do exército ativo quanto do exército industrial de reserva.

Neste caminho concordamos com o autor supracitado quando diz que: "*A industrialização quando começa a ser o motor da expansão capitalista no Brasil, ela tem que ser fundamentalmente urbana, não podendo está apoiada em nenhuma pretérita divisão social do trabalho no interior das unidades agrícolas (idem:42)*". Em outras palavras, o autor afirma que a industrialização no Brasil ou seria urbana, ou teria poucas condições de nascer. Para ele, este é o maior determinante de que a nossa industrialização iria gerar taxas de urbanização muito acima do próprio crescimento da força de trabalho empregada, principalmente, nas atividades industriais.

A respeito deste dinamismo, percebemos que apesar do aumento relevante no padrão de produção industrial nas últimas três décadas, estudos e pesquisas de institutos oficiais (IBGE, RAIS, CAGED e outros) não identificaram, neste mesmo período, aberturas correspondentes no mercado de trabalho formal. Variados autores (Santos, Cano, Singer) apontaram para a utilização crescente de tecnologia poupadora de mão-de-obra, como um dos principais fatores responsáveis pela redução do número relativo de operários assalariados. Diante desta realidade observamos que, as conseqüências mais imediatas deste problema vão se evidenciando no cenário social onde um grande contingente de pessoas foram se inserindo em "empregos precários" que, em um longo período, vem se evidenciando para determinados

indivíduos como uma possibilidade concreta de garantir o atendimento de suas necessidades básicas tais como: alimentação, habitação, saúde, educação, segurança e lazer.

A partir das suas investigações, Kowarick (1983) afirma que a estrutura criada por determinadas cidades, principalmente as grandes capitais Rio e São Paulo, já indicavam nos anos 60 e 70 que nas tais localidades apenas um pequeno percentual de pessoas seriam absorvidas pelo mercado de trabalho formal. Para o autor, a forma em que estavam sendo ocupadas tais cidades, já corroborava para a concentração, principalmente nestas áreas, de uma grande quantidade de mão-de-obra que permaneceria disponibilizada nestes territórios podendo ocasionar, no futuro, um inchaço de mão-de-obra, que sem dúvidas iria favorecer a enorme contenção salarial e, conseqüentemente, uma redução considerável do valor da força de trabalho.

Em sua análise Oliveira (1994:51), percebe que o urbano vai se expressando como uma forma de organização da atividade econômica que cria uma certa estrutura de classe. O autor identifica que de um lado está o regime político, da falta de voz das classes populares, direcionando, portanto, os gastos do Estado, todo o seu poder, do ponto de vista de investimento, para atender sobretudo aos reclamos advindos das demandas encaminhadas pelas classes médias e, evidentemente, do outro lado, e com peso mais forte do ponto de vista da magnitude dos gastos, o Estado que continua direcionando seu poder no sentido da reprodução ampliada das próprias empresas estatais e no sentido do atendimento dos chamados insumos de uso difundido pelo conjunto da produção industrial, tais como a energia elétrica e outros desse tipo.

Observamos que o mesmo Estado que foi obrigado inicialmente a investir nos serviços de infra-estrutura urbana, também seria obrigado posteriormente a dar impulso no processo de industrialização (siderurgia, petróleo, construção naval) e na infra-estrutura complementar (estradas, pontes, novas fontes de água, serviços de produção, etc). Assim, a verba pública que deveria ser aplicada em bens de uso coletivos foi progressivamente reduzida devido a utilização de uma parte expressiva dos recursos públicos estar comprometida com o capital privado, ou seja, na criação de um ambiente favorável as empresas e não a população.

As informações até aqui apontadas nos permitem concordar com Kowarick(1993), quando diz que as ações do poder público foram norteadas dentro de uma ótica explicitamente capitalista. Ou seja, elas estruturaram os espaços urbanos não para viabilizar aos trabalhadores mais empobrecidos meios de vida necessários para a sua subsistência, mas para gerar um excedente que seria privadamente apropriado pelas classes mais abastadas. Este movimento contraditório de acumulação do capital pode ser comparado a uma das formas de espoliação urbana que aqui é definido como "o somatório de extorsões que se opera através da inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo, essencialmente necessários aos níveis de subsistência"(Kowarick, 1993:59).

Frente a estas exposições, percebemos que a intensificação da industrialização colaborou para o rápido crescimento do número de trabalhadores nos grandes centros urbanos aumentando, conseqüentemente, a pressão sobre a oferta de habitação popular. Nos primórdios da industrialização e basicamente até os anos 30, as empresas foram resolvendo em parte o problema de moradia e, concomitantemente, da mão-de-obra, através da construção de "vilas operárias", geralmente próximas das fábricas, cujas residências eram alugadas ou vendidas aos operários (Kowarick, 30:1983). Assim, o fornecimento de moradia pela própria empresa

possibilitou a diminuição das despesas dos operários com sua própria sobrevivência, permitindo que o salário dos seus empregados fossem rebaixados. Desta maneira, o custo da moradia, conjuntamente com os gastos com transporte foram transferidos para o próprio trabalhador e, os relacionados aos serviços de infra-estrutura urbana, quando existentes, para o Estado.

Como pode ser observado o rápido e intensivo processo de industrialização, nos anos 30, corroborou para o crescimento do número de trabalhadores nos grandes centros urbanos (RJ, SP e outros). Este fenômeno, se revelou como um dos importantes fatores que ocasionou o aumento da pressão popular sobre a oferta de habitação. Foram nestas circunstâncias, que ocorreram a valorização dos terrenos fabris e dos outros existentes no seu entorno das fábricas tornando-se, do ponto de vista da empresa, antieconômico a construção de vilas operárias. Assim neste período de transição, a questão da moradia passou a ser resolvida pelos próprios trabalhadores através das relações econômicas no mercado imobiliário. Foi neste cenário que surge o que passou a ser designado de "periferia" que, se constituiu como aglomerados distantes dos centros, clandestinos ou não, carentes de infra-estrutura, onde passaram a residir um grande contingente de trabalhadores (Kowarick, 1983:31) que representavam uma significativa parcela da mão-de-obra necessária para fazer girar a máquina econômica dos grandes centros urbanos.

Neste contexto, Kowarick(1983) observou que a acumulação e a especulação andavam juntas, determinando segundo os seus interesses a localização da classe trabalhador no desenho do espaço urbano. Neste caminho, a forma de ocupação e do uso do solo passava a ser determinada, principalmente, pelos interesses das empresas imobiliárias. Nesta perspectiva fica nítido que o poder público, por sua vez, chegou tardiamente em tal processo de

intermediação lhe restando apenas a tentativa, por via da utilização de instrumentos legais, de garantir o mínimo de ordenação no uso do espaço. Desta forma, a ação governamental restringiu-se a seguir os núcleos de ocupação criados pelo setor privado, principalmente por este motivo, os investimentos públicos se tornaram reféns da dinâmica de valorização-especulação do sistema imobiliário.

Enfatizamos que neste processo desordenado de expansão urbana, o setor imobiliário levou adiante a ocupação espacial, guardando imensas áreas mais próximas aos núcleos centrais à espera de valorização, enquanto zonas mais longínquas, sem qualquer infra-estrutura, eram abertas para aquisição das classes pobres (idem., 1983:32). A investigação do autor afirma que este fator se deu, principalmente, pela incapacidade do poder público de administrar as formas mais "racionalis" de ocupação do solo e, pela fragilidade das organizações populares para interferir nos processos decisórios, fundamentando a expansão e conferindo grande liberdade de ação aos grupos privados inteiramente voltados para obtenção do lucro.

Destacamos que as benfeitorias realizadas pelo Estado no espaço urbano como, por exemplo, no transporte de massa, também favoreceu o surgimento de pequenos núcleos industriais, e em especial, as chamadas "cidades-dormitórios", que viabilizava o transporte de trabalhadores que se localizavam nas regiões periféricas em direção aos grandes centros. Porém, o investimento público neste setor privilegiou de maneira mais abrangente, uma vez mais, as grandes empresas nos transporte de carga pesada. Haja visto, que cada um desses núcleos, na medida em que se expandia, criava, por sua vez, a sua própria "periferia, que passou a refletir, talvez de forma mais enfática, os problemas sócio-econômicos gerado pelo capital". Kovarick(1983).

Frente aos acontecimentos já relatados, nos últimos anos o número de habitações precárias foram aumentando significativamente. Junto a este fenômeno foram ocorrendo também em outros municípios da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, para onde foi se dirigindo a classe trabalhadora. Ressaltamos que o problema da habitação também foi aumentando proporcionalmente ao contingente de pessoas que vinham de várias regiões do país para as grandes capitais, principalmente Rio e São Paulo, em busca de alternativas de moradia em lugares aonde os “custos urbanos” fossem baixíssimos e que permitissem conjugar o local de trabalho com o local de moradia. Neste processo, o crescimento populacional criou o que chamamos hoje de “urbanização pela expansão da periferia”.

Como podemos perceber, o vertiginoso crescimento demográfico da região (1960-1970), conjugado com o processo de retenção dos terrenos à espera de valorização, favoreceu o surgimento de bairros cada vez mais distantes. Estudos realizados por vários autores como, por exemplo, Lúcio Kowarick (1993), demonstra o surgimento de amontoados de populações em áreas longínquas e afastadas dos locais de trabalho, impondo-se distâncias de deslocamento cada vez maiores – configurando-se verdadeiros acampamentos desprovidos de infra-estrutura.

Diante destes acontecimentos acreditamos que houve uma ineficiência das ações do Estado, criadas para tratar do conjunto de mudanças impulsionadas pelo processo de industrialização e urbanização. Assim, avaliamos que a postura assumida pelo poder público pode ter colaborado para ocupação desordenada do uso do solo. Uma vez que, o poder público apareceu como um dos fatores determinantes no preço final dos imóveis, se constituindo como um poderoso instrumento de condicionamento de moradia para as diversas classes sociais. Estes fatores acabavam por definir aonde a população poderia se localizar no âmbito

de uma configuração espacial que assumiu, em todas as metrópoles brasileiras, características nitidamente segregadoras (Kowarick, 1983:57).

Na análise de Peralva (1997:43) as transformações que ocorreram no cenário brasileiro foram em grande medida determinadas não só pela especulação imobiliária, que desenhou as feições de cada cidade, mas também pela maneira a que as camadas populares reagiram a isso, auto-organizando-se e inventando, nas brechas do mercado e da lei, novos espaços habitáveis. O deslocamento destes para áreas distantes e deficientes de oferta de transporte contribuía para a ruptura dos laços de sociabilidade desenvolvidos na favela de origem e a péssima qualidade das casas oferecidas seriam, segundo Perlman (1977), "*as principais razões das reações dos moradores das favelas à remoção.*"

Observamos neste contexto, que as formas como foram encaminhados os problemas originados do processo de industrialização e urbanização, certamente aguçou os problemas gerados pela ausência de infra-estrutura urbana (habitação, saúde, saneamento, transporte coletivo, etc) e trouxe no seu bojo, uma série de expressões sociais de dimensões problemáticas, tais como: o avanço da pobreza, da marginalidade e da exclusão social. Desta maneira, a questão urbana foi forçosamente inserida na agenda de discussão da política nacional ao lado, principalmente, das questões regionais e agrárias.

Destacamos que o fulcro do problema de habitação passa a residir na "periferia", presidido pela lógica especulativa dos "loteamentos" que fixaram nas casas "próprias" uma parte significativa da classe trabalhadora. Em muitos bairros tanto no que se refere a qualidade das construções como no que se refere a qualidade da infra estrutura básica e também no que

tange aos aspectos legais da posse do terreno, não se diferenciam substancialmente das favelas.

Como alternativa aos problemas de habitação popular, o poder público consubstanciou as suas ações, através do custeio dos recursos públicos investidos no Banco Nacional de Habitação – BNH que por sua vez, não conseguiu atender um número representativo de pessoas oriundas da classe operária. Seu financiamento acaba apenas facilitando principalmente, a classe média a se tornar proprietária, situando-se em áreas mais centrais e melhor servidas pelos serviços públicos de infra-estrutura urbana.

Na análise de Faria (1991), os programas governamentais, muitas vezes, agravaram mais do que resolveram o problema no caso específico do programa habitacional ao voltar-se, por sua modalidade de financiamento, para as populações de renda relativa mais elevada, terminou por colaborar para encarecimento do custo das terras urbanas, incentivando a especulação imobiliária e provocando o deslocamento para mais longe e para condições urbanas mais precárias dos segmentos urbanos mais pobres.

Foi neste contexto que se agravaram os problemas que afetam, ainda hoje, a qualidade de vida de uma parcela representativa da classe trabalhadora. Assim, frente à ausência de espaço para construir sua moradia foi se alojando nos bairros periféricos, nos cortiços e nas favelas.

Entendemos assim como Valladares (1978), que o problema da habitação no Estado do Rio de Janeiro “não se trata apenas de déficit de moradia ou de incapacidade do mercado imobiliário (setores público e privado) de produzir habitações populares em ritmo capaz de atender a uma demanda cada vez mais crescente da população. Mas sim como fruto do processo de

dilapidação que está diretamente relacionado à capacidade de organização da classe trabalhadora em defender tanto os seus níveis salariais e condições de trabalho em geral, como o acesso aos serviços de caráter coletivo", que têm reflexos diretos nos níveis de reprodução ampliada da força de trabalho, dos quais a habitação constitui um componente essencial.

Assim, concordamos com Kowarick (1983: 59), quando afirma que a possível saída do chamado "problema" habitacional não deve ser tratada particularmente, ou seja, este problema deve estar relacionado a um conjunto de questões sociais que estão direta ou indiretamente ligadas ao alcance de qualidade de vida da população. Não só os problemas de habitação, como também, o de trabalho, de saúde dentre outros devem estar interligados.

No capítulo seguinte apresentaremos um breve histórico da favela do Jacarezinho onde, resgataremos o processo histórico de formação desta comunidade e a maneira como ela foi sendo descaracterizada pelo "dito conceito" de cidade. Acreditamos que por este caminho poderemos desvelar os mecanismos que afirmaram a cidade enquanto "o lugar", porém, reservaram às classes populares um espaço marcado por uma linha imaginária, imbuída de valores negativos historicamente construídos que foram lhe confirmando a posição do "não lugar".

2 - A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO NA AFIRMAÇÃO OU NEGAÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL: UM ESTUDO DE CASO DA FAVELA DO JACAREZINHO.

Para aprofundar a análise a cerca do campo investigado julgamos ser necessário desenvolver um breve levantamento histórico da Favela do Jacarezinho e do seu entorno. Neste foi identificado um período de transição da região industrializada³ nas décadas de 40 e 50 para região em processo de desindustrialização nas décadas de 70 e 90.

Segundo o relatório do Programa Favela-Bairro⁴ nas décadas de 70 e 80 estava localizado, nesta região o 2º polo industrial do Estado do Rio de Janeiro⁵. Na atualidade observamos que este quadro sofreu significativas transformações. Para os moradores, estas mudanças provocaram alterações não só no âmbito econômico, mas também no social e na própria geografia da região que atualmente está entregue ao total abandono.

Uma das conseqüências sinalizada pelos moradores se refere ao crescimento dos riscos sociais muitos, correlatos das péssimas condições de vida ocasionados de um lado pela situação do crescente desemprego na região, por outro e pelo crescimento acelerado e desgovernado da favela sem acompanhamento de políticas públicas. Diante dos acontecimentos, concordamos que este local por ser considerado um espaço socializador vai engendra processos importantes para construção de uma possível identidade. Logo, Observar tais acontecimentos pode ser fundamental quem busca entender: como surgiu a favela do Jacarezinho e, quais foram os impactos da sua dinâmica de desenvolvimento na mobilidade social dos moradores?

Neste capítulo elucidaremos a experiência da comunidade do Jacarezinho, onde buscaremos identificar e destacar determinados aspectos na formação desta comunidade que possam ter corroboraram para a afirmação ou negação dos moradores com a identidade local.

³ Resultado do Pré-Diagnóstico elaborado pelos(as) agentes de desenvolvimento que atuavam no PDEL, no ano de 1998.

⁴ Programa que vem sendo implementado pela Secretaria Municipal de Habitação e, tem como pressuposto básico a integração da cidade através do desenho urbano, revertendo o quadro de "desordem" e propiciando um ambiente favorável.

⁵ Informações presente no relatório de trabalho da coordenação do Programa Favela Bairro, 1997.

2.1 Quadro Histórico da Favela do Jacarezinho

A "Favela" do Jacarezinho começou a ser ocupada na década de 40. Antes, existia no local uma chácara (fazenda velha), com alguns casebres e seus moradores eram considerados invasores. Situado na zona norte, da região suburbana da cidade do Rio de Janeiro, tendo como áreas limítrofes os bairros do Jacaré, Maria da Graça, Benfica e Manguinhos ela ocupa uma área de 353.735 m², conforme dados do IBGE-1991. Seu relevo é em grande parte plano, possuindo ainda algumas áreas com elevação. Caracterizando-se por um grande espaço territorial que congrega cerca de aproximadamente 37.998 pessoas, residentes em 10.258 domicílios, apresentando uma média de 3,7 moradores por domicílio.

O aumento de população ocorreu na década de 50, com o processo de industrialização do bairro Jacaré. Entre os moradores havia um grande número de migrantes. Dentre aqueles residentes na "comunidade" e não naturais do estado do Rio de Janeiro estavam pessoas provenientes da região Nordeste (61,9%), sobretudo os estados do Ceará, Paraíba, Bahia, Rio Grande do Norte e Pernambuco.

A expansão da "comunidade" na atualidade se dá de forma vertical já que a área da "favela" está totalmente ocupada e seus limites bastante definidos, não permitindo a expansão horizontal. Na área de maior concentração populacional, observa-se casas de 2 ou 3 pavimentos, e também aquelas com unidades de uso misto que apresentam comércio no térreo e uso residencial nos demais pavimentos. A "comunidade" caracteriza-se pelo processo de ocupação gradativa com mais de 60 anos de história apresentando alto grau de desenvolvimento e consolidação.

O crescimento da "comunidade", nos últimos anos, se deu a partir do surgimento, no seu entorno, de um conjunto de pequenas "favelas" que formam parte do chamado "Complexo do Jacarezinho". Conforme informações locais, muitos dos moradores da "comunidade" residiam de aluguel no interior da "favela" e diante das dificuldades econômicas, e da ausência de moradia condizente com os orçamentos e a renda familiar, o entorno foi se constituindo como única alternativa de moradia, onde permitia continuar mantendo a proximidade entre a família e o local de trabalho.

O complexo do Jacarezinho em relação a outras "favelas", ainda hoje se apresenta de forma bastante peculiar. Esta singularidade vem do fato da região em que ele está situado ter concentrado, por longo período, um grande percentual de indústrias existentes no Estado do Rio de Janeiro. Esta especificidade deu a esta localidade, nos anos 80, o referencial de 2º Polo Industrial do Estado⁶. Ressaltamos que o Jacarezinho foi também marcado pela forte presença do comércio diversificado e consolidado. Estas características atribuíram a ele um perfil particular em relação a outras favelas e lhe conferiu uma "imagem" diferente, apesar da existência de setores menos favorecidos e marginalizados, o qual apresentam condições de vida extremamente críticas.

As indústrias que no passado foram motivo de surgimento da comunidade, hoje pouco empregam seus moradores. Segundo dados da Pesquisa de Domicílios do Jacarezinho 49,6% da população da comunidade de 10 anos ou mais de idade, trabalham no ramo de serviços, 21,6% trabalham na indústria, 16,4% no comércio, 5,6% na construção civil e 3,8% no transporte.

⁶ Segundo informações contidas no relatório elaborado pela equipe do Programa Favela-Bairro em novembro de 1999. Nesta área existia uma grande concentração de indústria.

Segundo a Pesquisa Sócio-Econômica em Comunidades de Baixa Renda, realizada pela SCIENC, instituto ligado a Escola Nacional de Ciências Estatística ENCE/IBGE, na primeira semana de março de 1999, existia aproximadamente 23,3% da população economicamente ativa do Jacarezinho recebendo rendimentos inferiores a um salário mínimo. A taxa de desemprego avaliada na comunidade para a população economicamente ativa foi de 12,5%. A maioria da população residente na comunidade tem rendimentos mensais entre um e três salários mínimos. O Jacarezinho possui 11.319 famílias, sendo que 32,4% das mesmas são chefiadas por mulheres. Estes dados revelam as especificidades da localidade, caracterizando-se como uma população de baixa renda sofrendo de carências diversificadas.

Os fatores até aqui apresentados nos permitem observar o desenvolvimento de um mundo formal de trabalho, onde alguns seriam incluídos e disporiam de direitos garantidos, e outros estariam de fora compondo uma parcela significativa da população excluída, que passariam a desempenhar suas atividades econômicas à margem da oficialidade ou da formalidade.

2.1.2 Entre o Formal e o Informal

A diversidade de comércios, de serviços, de determinadas indústrias (aquelas que ainda resistem ao crescente processo de desindustrialização) e empresas formais e informais, são responsáveis pela grande circulação de dinheiro no interior da comunidade. Porém, este fator não vem garantindo ao conjunto de moradores do Jacarezinho melhoria na infra-estrutura e na qualidade de vida de seus moradores.

Atualmente a comunidade dispõe de um vasto comércio, inclusive uma das ruas, a do Comércio, é denominada dessa forma pela variedade de oferta em açougues, padarias, lanchonetes, lojas de roupas, sapatarias, lojas de brinquedos. Além disso, próximo à estação de trem de Vieira Fazenda funciona permanentemente a *feirinha* do Jacarezinho. Pelos números da Pesquisa (1998) sobre estabelecimentos comerciais da SMTb há aproximadamente no Jacarezinho 1.250 estabelecimentos comerciais. A oferta de serviços na comunidade é grande e diversificada.

Vale lembrar que na história da comunidade do Jacarezinho o comércio informal e formal foram envolvendo, por longo período, um número representativo de moradores, tanto como atividade principal quanto como completar da renda familiar. Hoje a economia informal vem crescendo e se constituindo como uma única alternativa diante da falta de oportunidade de trabalho no interior das empresas, principalmente nas da região.

Os estudos mais recentes chamam atenção para a artificialidade e para as implicações políticas de tomar o setor informal como uma dimensão antagônica ou separada do setor formal da economia. Entre estes, destacamos o trabalho de sociólogos e antropólogos

franceses. Lautier (1991), por exemplo, interpreta a postura acima como uma das maneiras de produzir uma imagem da sociedade dividida em duas esferas econômicas e sociais, impedindo que se perceba a dimensão política do problema, especialmente no que diz respeito às relações desiguais dos cidadãos com o Estado.

A informalidade transcende em muito as atividades econômicas (de produção/distribuição de riquezas)⁷. Nas áreas de favela, por exemplo, a informalidade permeia a vida social. Está presente na relação com o solo urbano, no uso de luz, e água, etc. No entanto, mesmo neste espaço, não existe nenhum empreendimento que seja realizado de forma absolutamente informal. Ou seja, todos dependem de produtos e/ou serviços oriundos das redes formais de venda e distribuição.

Percebemos que nas áreas de mais alta renda, diferente do que ocorrem nas favelas, a maior parte da vida das pessoas transcorre na formalidade. Pois, nestes espaços, as relações com o informal surgem como uma possibilidade a ser acionada em determinados momentos. Daí a dificuldade em encontrar empreendimentos absolutamente informais entre pessoas de classe média: elas muitas vezes, dispõem de registros de seus negócios que, no entanto, não são respeitados em todas as suas dimensões.

A pesquisa quantitativa implementada pelo IBASE e SEBRAE para levantar informações acerca do mercado informal, no ano de 1997 reforça a suposição de que as atividades

⁷ Resultado das investigações conjuntas do Instituto Brasileiro de Análise Sociais e Econômicas - IBASE e o Serviço Brasileiro de Apoio ao Empresário - SEBRAE /1997

informais realizadas por pessoas de classe média são complementares em termos da composição de sua renda ou desenvolvidas simultaneamente à atividades profissionais formais. Esta situação quase não se verifica nas áreas de favela, onde o empreendimento informal quase sempre é a única fonte de rendimentos dos empreendedores.

Ressaltamos que mais do que um setor informal operando com regras próprias em um espaço social distinto, o que temos são práticas informais permeando desigualmente no conjunto da sociedade. Mais do que situações polares (formal –informal), forma-se um “continuum”, que diferencia o grau de envolvimento dos grupos sociais com as práticas informais. É a existência deste “continuum” que permite que negócios definidos como formais utilizem regularmente expedientes informais, sem colocar sua legalidade em questão (IBASE/SEBRAE,1997:16)⁸.

Este fato confirma a impossibilidade de pensarmos a existência de um setor que viva na informalidade em contraposição a outro, absolutamente formal. Ou seja, não existe uma extremidade na formação de um ou outro setor. A graduação da formalidade e informalidade está referida a possibilidade de acesso da população aos bens de cidadania. Portanto, a formalização de um negócio ou ainda de uma residência na favela depende da regulamentação do solo urbano, do acesso legal a água, luz, esgoto e outros. Isto significa que, nestas condições, o processo de formalização impõe exigências que extrapolam o limite dos negócios ou ainda de um conjunto de residência.

⁸ Resultado das investigações conjuntas do Instituto Brasileiro de Análise Social e Econômica - IBSE e do Serviço Brasileiro de Apoio ao Empresário - IBGE.

As informações até aqui apresentadas a cerca da formação dos espaços populares no geral e, da favela do Jacarezinho, em particular, nos permitem observar que a realidade dos moradores desses espaços é emblemático. Pois, a favela geralmente é definida, mesmo pelos organismos do poder público, pelo que ela não é ou, pelo que ela não tem. No caso abaixo apresentamos um pequeno esboço do documento elaborado pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano do Rio de Janeiro - IPLAN-RIO, referente ao cadastro de favela. Nele está relatado a experiência dos moradores da "favela" do Jacarezinho, realizado no ano de 1993:

"A rede oficial foi implantada pela CEDAE durante o governo Faria Lima. As implantações clandestinas foram ligadas por cada morador. Pois, a rede de água implantada pela CEDAE, se distribuiu por toda extensão da favela, não sendo possível distinguir a área atendida pela rede oficial da que se serve do sistema clandestino. A faixa de barracos que margeia o Rio Jacaré não é servido por rede. Mesmo diante deste cenário a obra para implantação da rede pela CEDAE, não foi concluída até hoje, sendo este um dos argumentos utilizado por determinados moradores para interromper o pagamento das contas. E, apesar da rede atender uma grande parte dos domicílios, o abastecimento d'água não vem sendo suficiente, principalmente na parte mais elevada, o 'Azul'; onde a pressão não é suficiente".

Em estudos realizados pelo IPLAN, moradores revelam que, ainda que a "favela" fosse plana e que existissem melhores condições geográficas, a água continuaria sendo um problema. Para eles, a ausência dela se configura como uma das piores coisas que existe no interior da "favela". Este problema aparece de maneira contínua e concreta no seu cotidiano, que já é fortemente marcado pelas ausências, como por exemplo, a de escola pública (não há nenhuma escola pública na favela do Jacarezinho) as escolas são todas pagas, inclusive a do Padre Nelson⁹. Porém, é importante dizer que a relação entre taxaço e cidadania, entre serviços e impostos está muito presente na experiência e percepção dos moradores. Eles relatam com indignação, que quando ligam para a CEDAE reclamando da falta d' água obtém

⁹ Escola Salesiana situada na igreja católica local.

uma resposta que as desqualifica: eles perguntam "mas você paga água?". Como pode ser observado o discurso sobre impostos está fortemente articulado à linguagem dos direitos: "a gente paga imposto indireto sobre tudo, se isso fosse empregado na comunidade, tudo seria melhor". Nota-se que a ação do Governo, o acesso a serviços, a ausência e a ineficácia das instituições colaboram para que, em muitos lugares, os problemas públicos sejam solucionados diretamente pelas pessoas.

No destaque acima podemos notar que a "favela" está sendo apreendida como um espaço destituído de infra-estrutura urbana sem: água, luz, esgoto, coleta de lixo; sem organização; literalmente miserável; sem lei; sem regras; sem moral, enfim, a expressão do caos.

Vale dizer, que mesmo diante desta nova realidade os moradores das "favelas", que representam cerca de 17,2% da população total residente no município do Rio de Janeiro¹⁰, muitas vezes, devido a maneira desigual a qual estão inseridos na cidade, não são incorporados aos programas e políticas de desenvolvimento, que prevê ao poder público a disponibilidade de serviços básicos nestes espaço.

Nota-se, que ainda hoje, as intervenções do poder público, sejam elas no campo da habitação, do emprego, da saúde e da educação não contemplam parte significativa da massa excluída da formalidade, como por exemplo, os moradores de "favela". Estes fatores podem ser confirmados através das formas precárias que são oferecidas a estes, os serviços de infra-estrutura básica, de saúde, educação e segurança pressuposta básico para o alcance da cidadania.

Na fala de uma moradora da comunidade do Jacarezinho, é possível identificar dois problemas bastante recorrentes na comunidade, a violência e a atuação do poder público nos espaços populares:

"... geralmente, a gente lá fora é assaltado mas aqui a gente... não acontece de ser assaltado mas, por outro lado, a gente na verdade é... sofre muito mais com a violência do que as pessoas que estão lá fora porque perante a lei, todos nós somos cidadãos mas a gente na favela não é tratado como cidadão. A polícia pode invadir a nossa casa na hora que quer. Pode alegar o que quiser e inventar o que quiser que esteja dentro da sua casa e, geralmente, nós somos mais vítimas ainda porque eles fazem isso justamente com as pessoas que nada tem a ver com o tráfico. As pessoas são... ficam oprimidas e intimidadas a deixarem eles fazerem o que eles quiserem com a gente".

"...Uma vez eu tava em casa. Eu devia ter uns 16 anos mais ou menos. Era bem nova. Tava em casa sozinha, meus pais estavam trabalhando, minha avó morava do lado da minha casa mas ela também não tava em casa. Eu estava sozinha. A porta da minha casa tava... tava... não tava trancada. Tava fechada mas não tava trancada. E eu moro num quintal, ainda tem um portão o portão também tava fechado. O portão também tava fechado não tava trancado. Eu tava lá em cima no segundo andar. Eu tava até tirando roupa da máquina. Eu ia estender a roupa na corda. Quando eu fui ver, os polic... e eu tava com roupa de dormir! Tava com uma roupa simpleszinha. Uma roupa de dormir, uma roupa, uma peça de roupa íntima. Os policiais entraram dentro da minha casa já estavam em cima de mim, de metralhadora na mão e eu fiquei desesperada, comecei a chorar, desesperada e eu nova. Não sabia o que fazer. Eles dois ou três policiais entraram na minha casa já tavam lá em cima no último andar em cima de mim! E pedindo foto do meu pai, eu falei que não tinha, lógico, e começaram a andar dentro da minha casa e olhar tudo! Meus pais e meus avós ficaram revoltados! Tentaram até assim ver se podiam fazer alguma coisa mas quando eles chegaram já tinha acontecido há muito tempo. Depois que eles foram embora eu ainda falei com a minha tia que mora do lado da minha casa que é mais próxima da minha casa. Ela pegou e ficou um pouco comigo lá mas é uma situação perigosa eles poderiam ter feito qualquer coisa comigo. Poderia ter feito mal a mim. Poderia ter levado alguma coisa da minha casa. Poderia Ter botado alguma coisa na minha casa para depois falar que... sei lá inventar um flagrante que não existisse. Poderia Ter feito várias coisas sabe. Como eles pediram a foto do meu pai. Então a gente tá muito mais sujeito à violência do que qualquer outra pessoa que mora fora da favela e se perante a lei nós somos cidadãos então que cidadania é essa? Que a gente... que eles podem fazer o que quiser com a gente, com a nossa família com qualquer pessoa que estiver dentro da nossa casa. E não existe mandado judicial não existe nada".

¹⁰ segundo dados da contagem populacional 1996/IBGE

Nos exemplos acima fica nítida a noção que os moradores das favelas tem de seus direitos. Embora os discursos sejam bastantes heterogêneos, eles nos permitem afirmar que a penetração das instituições públicas no espaço coletivo da cidade é segmentada e desigual. Ou seja, elas geralmente são rarefeita e inefetiva nas favelas e subúrbios, porém, presente e mais eficiente na cidade formal.

2.2 - A influência do espaço na formação da identidade Local

As informações até aqui apontadas nos permitem perceber que o espaço de investigação deste trabalho, se insere em um campo repleto de significados, envolvidos numa trama de relações que se configuram em um cenário onde estão envolvidas questões sociais, políticas e econômicas. Diante da complexidade do campo estudado, consideramos a pesquisa qualitativa como a mais apropriada à análise do objeto em questão, pois entendemos, assim como Minayo, que esta :

“permite compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, que por sua vez são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos (...) que assim, dentro de uma abordagem dialética busca encontrar na parte, a compreensão e a relação com o todo” (Minayo, 1993: 24-25)

Neste capítulo apresentaremos as informações empíricas de duas formas: no primeiro momento através da reconstrução dialética das categorias que permeiam o objeto investigado, por via da construção teórica de alguns autores. No momento subsequente utilizaremos como instrumental de pesquisa a entrevista, que para Ludke e André, se configura enquanto um instrumental básico de coleta de dados onde a relação que se cria é de interação, ao contrário de outras técnicas que pressupõem uma relação hierárquica entre o pesquisador e o sujeito abordado e ainda “permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas” (Ludke; André, 1986, p.34). Para tal, trabalharemos com um roteiro de entrevista semi-estruturada (em anexo) que norteou a pesquisa. Vale dizer que para coleta dos dados, utilizamos como artifício, gravar as entrevistas que foram posteriormente transcritas, para garantir a fidelidade das informações levantadas. Vale dizer que evitar quaisquer problemas futuro a identidade dos entrevistados foram resguardadas.

2.2.1 - Identidade Pobreza e Exclusão Social

No plano psicológico a identidade de um indivíduo pode está relacionada com a construção de sua subjetividade que, de acordo com diferentes teorias psicológicas, é um processo onde interagem elementos hereditários, de origem social, contexto familiar e sociocultural. Estas questões segundo Cuche (1999) são as que tratam da identidade freqüentemente associada à cultura que juntas vem despertando grande interesse, e um intenso debate, inclusive fora do campo das ciências sociais.

No que diz respeito a atores sociais, Manuel Castells (2000), numa indicação congruente com Laclau, sustenta as diferenças entre as identidades e papéis desempenhados por um indivíduo dentro de uma sociedade. Para autor, identidade é um

"processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação." (pp22-23) Já os " Papéis (por exemplo, ser trabalhador, mãe, vizinho, militante socialista, ...) são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade. A importância relativa desses papeis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre os indivíduos e estas instituições e organizações"(pp.22-23).

Como pode ser observado o conceito de identidade é, portanto, bastante polissêmico e contraditório, à medida que procura representar o que uma pessoa tem de mais característico ou exclusivo, ao mesmo tempo em que indica a que grupo pertence. Neste estudo nos referenciaremos em Stuart Hall (1997: 8), para analisar o perfil dos sujeitos investigados em nossa pesquisa utilizando o conceito de identidade cultural entendendo esta como a reunião "daqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso 'pertencimento' a culturas

étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacional”. Acreditamos assim como Cuhe (1999: 177) que através da identidade cultural de um indivíduo ou grupo poderemos localizar um sistema social não aparente.

Traremos também para dialogar com o conceito de identidade, as categorias pobreza, desigualdade e exclusão social trabalhada por alguns autores. Acreditamos que nestas, estão os conceitos centrais que permearam a construção do campo por nós investigado. Nesta perspectiva iremos iniciar o diálogo com autores que situam estas categorias dentro de processos históricos e sociais, variados no tempo e no espaço. Para Paugam (1993), refletir os termos pobreza, desigualdade e exclusão social requer a utilização do conceito de desqualificação social. Pois, para ele o que define no sentido mais amplo este grupo enquanto categoria dos pobres não é a existência de uma unificação pela integração entre esses membros, mas pela atitude coletiva que a totalidade da sociedade adota em relação a ele. Nesta perspectiva, ele reforça que pobreza não pode ser definida como um estado quantitativo nela mesma, mas sim com relação à reação social que resulta de uma situação específica, tendo em vista que esta não é somente relativa, mas construída socialmente e seu sentido é aquele que é atribuído pela sociedade. Logo, em seu entendimento, o conceito que vem sendo atribuído à pobreza decorre de um processo que vem contribuindo para colocar a população heterogênea em um mesmo conjunto e para ocultar a questão essencial do processo de acumulação progressiva de indivíduos e de domicílios, da sua origem aos seus efeitos, a curto ou longo prazo.

Nesta mesma perspectiva Castel (1993) adverte sobre os riscos contidos em determinados termos atribuídos à pobreza e aponta os limites do pensamento classificatório. Para ele, são grandes as possibilidades de confundir a novidade de um fenômeno com sua posição de visibilidade ou sua aparição com seu recenseamento e, sabemos muito bem que um novo

serviço sempre encontra uma nova clientela que ele precisou construir. Porém, mesmo correndo o risco o autor escolheu o enfoque transversal em relação à definição desses grupos específicos e qualitativo ou compreensivo de preferência ao quantitativo. Ele buscou algumas categorias que representavam uma determinada situação de privação e buscou perceber o que o conjunto desta categoria teria em comum. Para ele, a privação poderia ser tratada como um efeito, na conjunção de dois vetores: um eixo de integração / não-integração em uma sociabilidade sócio-familiar. Na sua análise, a pauperização surge assim como a resultante de uma série de rupturas de participações e fracassos na constituição de vínculo, os quais, finalmente, projetam o sujeito em um estado de flutuação.

Nesta mesma perspectiva, Abranches (1985) fala da pobreza como "destituição material", que se deverá acrescentar o termo destituição simbólica. A confusão, muitas vezes proposital, na definição do tema, ocasiona para o autor, que a política de combate à pobreza estruturalmente enraizada tenha natureza distinta. Logo, ela apresentava como objetivo eliminar a destituição, num espaço de tempo definido, incorporando os despossuídos aos circuitos regulares da vida social e compensando, no entretempo, as principais carências que põem em risco a sobrevivência e a sanidade dessas pessoas. Para ele, as políticas "contra a pobreza" são parte da intervenção social do estado, em muitos casos se superpõem às políticas sociais, mas têm uma identidade, uma coerência e uma estratégia própria. Acredita, que em muitos casos, estas ações dificultam as pessoas de alcançar uma consciência política. Pois, quando elas permanecem em um estado de absoluta carência estão aprisionadas em uma cadeia de privações, oriundas da própria operação da ordem social e econômica, que reduz suas chances reais de acesso a recursos que tornem possível a sua saída da condição de miserável. Por isso define a pobreza como destituição, marginalidade e desproteção. Destituição dos meios de sobrevivência física; marginalização no usufruto dos benefícios do progresso e no acesso às

oportunidades de emprego e consumo; desproteção por falta de amparo público adequado e inoperância dos direitos básicos de cidadania, que incluem garantias à vida e ao bem-estar social.

Como pode ser observado, os termos desigualdade e pobreza são evidentemente distintos, um não implica necessariamente no outro. Eles são diferentes entre si e igualmente distintos do conceito de exclusão social que, por sua vez, está mais próximo, como oposição, ao de coesão social, ou como sinal de ruptura, do vínculo social.

2.2.2 - O Espaço e identidade Local

A dificuldade de compreender o que os membros das chamadas classes subalternas estão dizendo está relacionada muito mais com a nossa postura, do que com a questão técnica, como por exemplo, a lingüística (Valla, 1992 e 1993:12). Para o autor,

"possuímos dificuldades em aceitar que as pessoas 'humildes, pobres, moradores da periferia' sejam capazes de: produzir conhecimento, organizar e sistematizar pensamentos sobre a sociedade, e dessa forma, fazer uma interpretação que contribua para a avaliação que nós fazemos da mesma sociedade."

A partir desta lógica, Valla (1992-1993), foi buscar nas classes subalternas uma diversidade de grupos, onde, a percepção deste fator permeasse a compreensão das suas raízes culturais, local de moradia e da relação que mantêm com os grupos que acumulam capital. O autor foi identificando os elementos, que reforçavam a importância de citar o máximo possível da fala dos grupos ou indivíduo pois, acreditava que desta maneira, estes poderiam transmitir a sua história na condição de sujeitos do processo de apreensão de sua própria realidade. Acreditando, que por este caminho, poderíamos permitir que outras pessoas tivessem possibilidades de interpretar o que está sendo dito. Isto posto, para responder as questões levantadas neste estudo, nos deteremos em fazer breves comentários acerca das entrevistas em análise pois, acreditamos assim como Martins (op. cit. Valla, 1992:25) que,

"o saber das classes populares é mais do que ideologia, mais do que interpretação necessariamente deformada e incompleta da realidade do subalterno. É neste sentido, também, que entendemos a cultura como conhecimento acumulado, sistematizado, interpretativo e explicativo, e não como uma cultura barbarizada, forma decaída da cultura hegemônica, mera e pobre expressão do particular".

Acreditamos que nesta perspectiva poderemos demonstrar a comunidade a partir da ótica dos seus moradores que certamente irá destoar das diversas análises sobre as favelas que enfocam, em geral, as mazelas e a pobreza dessas áreas e mostrando como essa pobreza, agregada a

outros fatores, implica muito menos em vantagens e possibilidades sociais, levando os jovens a ingressarem no tráfico de drogas e ao fracasso escolar. Destacamos que os jovens das favelas se encontram num círculo vicioso de pobreza, passando a reproduzir e reforçar a situação de exclusão e marginalidade material e cultural em que vive suas famílias. No entanto,

" (...) considerando todas as condições sociais que incentivam os jovens a abandonar a escola, como explicar a motivação dos que se esforçam e chegam a entrar na universidade, conseguindo romper tal círculo e por vezes até alcançar melhor situação social? Que outras forças que estão em jogo podem se opor à carência de recursos materiais e sociais, já mencionadas, que limitam as possibilidades de mudar de condições de vida? Não podemos aceitar a idéia de que os universitários da favela são exceções, pessoas especiais cuja a vida particular nada teria em comum com a dos demais habitantes de sua comunidade." (L. Moriz, Silvia e Batista, 1997, 321).

A partir destas questões, seguiremos as nossas reflexões, lembrando que nos aportaremos as elas apenas como um instrumento que possa nortear o nosso pensamento sobre a realidade do campo aqui estudado. Assim, nos interessa refletir a percepção do conceito de favela junto aos moradores envolvidos na experiência do Pré-Vestibular para Negros e Carentes. Isto posto, precisamos ir além e saber se este espaço, ou o conceito que se tem dele, em algum momento influenciou os participantes do grupo mencionado em assumir a identidade local.

Iniciamos a nossa amostra com uma questão que nos permitiu visualizar como os moradores envolvidos com esta pesquisa¹¹ percebem e definem a favela. Logo em seguida, eles foram se manifestando, através de uma forte identidade com o lugar que, para estes carrega um importante registro simbólico construído historicamente, não só pela via de suas individualidades mas, também, dos membros de suas famílias. Observamos que mesmo com

¹¹ Pesquisa realizada com moradores da favela do Jacarezinho envolvidos na ação do Pré-Vestibular Para Negros e Carentes, em 25/02/2003.

esta demonstração de afeto com o local, poucas vezes eles utilizaram o termo favela para definir ou conceituar o seu lugar de moradia, preferindo muitas das vezes o termo comunidade. Eles até iniciavam a palavra, mas, rapidamente a trocavam, deixando a impressão de que havia um certo entrave com a palavra favela, uma certa resistência com a expressão que, sem perceber era silenciada. Num momento mais adiante os moradores ressaltaram o que poderia vir a ser o motivo que os levou, em determinados momentos, a afirmar ou negar tal identidade. Para eles ser visto como morador de "favela" e conseqüentemente favelado são carregar todos os estigmas atribuídos a este local. Sendo assim, para se resguardarem os moradores foram

Afirmando: " no ambiente de trabalho, na escola e na faculdade é porque é bom para mudar esses estereótipos que as pessoas que moram em comunidade carente tem por exemplo: as meninas são taxadas de prostitutas de vagabundas e os meninos como bandidos independente de sua personalidade e de caráter. Depois que as pessoas te conhecem é que elas vão mudando a opinião ao seu respeito. Mas a principio quando você diz que mora em comunidade carente as pessoas vão te olhando de rabo de olho, com desconfiança, faz cara feia fala mal, pode até não falar mas o jeito como ela olha transparece o que ela está pensando de você naquela hora. (...) muitas vezes o que leva a gente a negar que mora na favela não é o fato de ter vergonha, mas sim por que existe perigo em assumir" A(mulher)

*Afirmando quando: "estamos na roda de pessoas e de amigos, que as pessoas começam a **denegrir**(grifo meu) a imagem da comunidade, que agente sabe que nada daquilo acontece ai a gente é levado a assumir e a mostrar os pontos positivos que existe dentro da comunidade.(...) "Negando pela discriminação que a gente sofre, principalmente no trabalho quando agente mora dentro de uma comunidade a gente sofre discriminação." L.(mulher*

"discriminação que a gente sofre, principalmente no trabalho quando agente mora dentro de uma comunidade" L.(mulher)

Afirmando quando: vou a qualquer lugar que as pessoas me olham com olhar diferente, eu faço questão de dizer que moro no Jacarezinho. E, mesmo no trabalho todo mundo sabe que moro no Jacarezinho". Negando: "é por questão de sobrevivência, as vezes você está em um local diferente onde você não conhece e você não sabe que tipo de facção que vigora naquele lugar então você é obrigado a negar e falar que mora nos bairros próximos (...) quando vou a qualquer lugar que as pessoas me olham com olhar diferente, eu faço questão de dizer que moro no Jacarezinho." G(mulher)

" eu costume assumir quando eu estou em lugares onde eu sei que isso vai reforçar a imagem que o favelado não é uma pessoa mal educada essas coisas. Na faculdade pôr exemplo, eu escuto várias piadas. Ah você é prima do Beira-mar. Como se tudo dentro da favela tivesse ligado ao tráfico e negar:" quando eu estou com pessoas estranhas, dentro de ônibus ou outras situações pelo medo mesmo dessa guerra de facções". E.(mulher)

"Aonde eu tiver que ir eu boto lá Jacarezinho mesmo, quem quiser que tem que respeitar. Ou me dar uma oportunidade de mostrar para ele que a comunidade e as pessoas que se vêem nela são diferente daquilo que ele pensa ou então vai viver na ignorância eterna." C. (Homem)

Como pode ser observado, o grupo investigado aceita o termo "favela" que eles conceituam como:

" Para mim favela é o nome que se é dado oficialmente e que todo mundo conhece de uma comunidade carente. Sendo que este é o meu conceito eu acho que favela é uma comunidade carente"...A (mulher)

"favela para mim é um amontado de poucos recursos, que a gente tem ciências disso, que a maioria das pessoas que moram dentro da comunidade são pessoas de poucos recursos. Mas, de maioria trabalhadora e batalhadora. L. (mulher)

" são pessoas que vieram, geralmente, do nordeste e por ser nordestino já tem um discriminação a mais, são negras esfarrapadas esse é conceito de favela que as pessoas lá de fora tem...e, o conceito de favela que eu tenho, justamente por morar aqui é justamente o oposto: são pessoas que vieram do nordeste pra batalhar o futuro aqui dentro porque, nos seus estados não tinha condições de sobrevivência. Então, vieram tentar uma vida no Rio de Janeiro ou em São Paulo numa grande metrópole, chegando aqui elas não encontrou o que elas imaginavam é... uma boa casa o que elas vêem na televisão. Elas acabam se acoplando dentro de favelas e morando uma por cima das outras, criando seus filhos aqui muitos partem até para o mundo da criminalidade mas..."G (mulher)

"Eu acredito que seja um local como se fosse uma..., onde as pessoas mais desfavorecidas convivem mas, o que difere no caso é a infra-estrutura, não tem a mesma infra-estrutura que tem em um bairro, tem as dificuldades com saneamento básico, as casas mas as pessoas em si são pessoas consciente, são pessoas educadas não tem essa coisa de favelado, tem pessoas que moram em bairros que são favelados tem pessoas que moram na favela e que não são faveladas - favelados acredito que seja uma pessoas... esse conceito de favelado eu não concordo as pessoas falam favelados como se fossem uma pessoa mal educada e não uma pessoa que mora em uma comunidade."

M. (mulher)

"vendo por um lugar onde moram pessoas carentes"... E. (mulher)

" um conceito de que mora na favela e de quem não mora na favela, praticamente tudo já foi falado. Mas..., favela do ponto de vista, do meu ponto de vista que mora

na favela o que eu melhor posso falar é um grupo de pessoas que se juntou e desde o começo já começou junto é..., e aí que é a força da favela. Se você for fazer uma favela sozinho você não consegue fazer uma favela. Então, as pessoas que começaram desde princípio que se reuniram nas favelas começaram unidas, trabalharam unidas para a manutenção do espaço delas então isso impregnou um pouco nas comunidades. E, favela é isto aí pessoas que lutam juntas para sobreviver pelas suas próprias forças" C. (homem)

Nestes contextos alguns dos moradores entrevistados afirmam que moram em favela, porém, negam a condição de ser favelado, revelando não ter nenhuma identidade com o termo, que para eles, acompanham um valor simbolicamente negativo. Ou seja, entendem que,

"o fato da pessoa morar em uma comunidade não quer dizer que ela seja favelada..., favelado não é sinônimo de pessoa que mora em uma comunidade. Que as pessoas de comunidade..., nós por exemplo morávamos em uma comunidade e não éramos favelados". Favela(..)"eu acredito, que seja um local como se fosse uma..., onde as pessoas mais desfavorecidas convivem mas, o que difere no caso é a infra-estrutura, não tem a mesma infra-estrutura que tem em um bairro, tem as dificuldades com saneamento básico, as casas mas as pessoas em si são pessoas conscientes, são pessoas educadas não tem essa coisa de favelado, tem pessoas que moram em bairros que são favelados tem pessoas que moram na favela e que não são faveladas - favelados acredito que seja uma pessoas... esse conceito de favelado eu não concordo as pessoas falam favelados como se fossem uma pessoa mal educada e não uma pessoa que mora em uma comunidade". M (mulher)

Observamos que o conceito utilizado por alguns moradores nos parece ter sido apropriado do termo pejorativo forjado pelos formadores de opiniões (mídia, instituições públicas e outros), que não consegue explicar a comunidade por outro viés que não seja através da ausência e da violência. Porém, a medida que estes moradores foram se expressando e manifestando a sua visão sobre a comunidade observamos um sentimento de pertencimento, de luta e de resistência pelos valores locais (solidariedade e amizade) que, na visão destes tornam a vida na favela bastante peculiar em relação ao asfalto, e neste sentido mais favorável. Segundo estes moradores

"o que me prende a favela é como eu já falei, é a questão das amizades, em fim são muito mais sinceras são mais é...as vezes nem são tão amigas mais as vezes são solidárias a você, se você observar em outros lugares as pessoas quando se falam, quando se falam os vizinhos é um bom dia um boa tarde e aqui não as pessoas se necessitam de uma ajuda sabe que pode procurar no vizinho que se ele poder ele vai te ajudar e tal enfim a comunidade vive neste ritmo as favelas vivem neste ritmo, então isso me atrai muito na comunidade." C (homem)

"As pessoas da comunidade são muito mais acolhedoras, são mais fraternas, se alguém precisa de alguma coisa todo mundo se propõe a ajudar e que você ver que nos outros bairros aos arredores de fora não são a mesma coisa, as pessoas são mais egoístas, são mais... tem medo, cada um na sua casa, cada um no seu canto e aqui não, cada um fala com todo mundo vai na casa das pessoas conhecidas. Não tem essa coisa de ficar com medo de um vizinho." M (mulher)

As informações até aqui apresentadas revelam que, a favela foi se consolidando num espaço marcado pela sociedade como "um lugar de grande perigo" ou seja, o lugar do vício, da promiscuidade e do "refúgio de criminosos". Diante disso, forjou-se uma visão dualista. Assim, os espaços populares são vistos ainda hoje pelo *status quo* como "lugar da desordem". Ao longo do tempo foi sendo reforçada como *habitat* de indivíduos "pré-civilizados", incapazes de dialogar com as instituições políticas. Nesta lógica, as várias intervenções públicas realizadas nas favelas se apoiaram em mecanismos de reabilitação social, moral, econômica e sanitária, pois, acreditavam serem necessárias para a integração dos moradores da favela à cidade, não apenas mudando o modo de habitar, mas também seus modos de pensar e viver". Atualmente, observa-se que apesar desta idéia de favela ter sido espalhada há algum tempo, ela ainda está bastante presente no nosso imaginário social. Ainda hoje eles sofrem freqüentes discriminações. Vejamos a seguir:

"quando você diz que mora em comunidade carente as pessoas vão te olhando de rabo de olho, com desconfiança, faz cara feia fala mal, pode até não falar mas o jeito como ela olha transparece o que ela está pensando de você naquela hora (...) eles vão brincando e me discriminado". A (mulher)

"Quando fuomos procurar um emprego sabíamos que se colocássemos o endereço seríamos discriminados mesmo, não pela distancia mas, por morar em comunidade. E, ai então a gente acaba não se escrevendo em determinados empregos que aparecem por causa de seu endereço. Esta discriminação se deu porque neste emprego seria para trabalhar com o público e fatalmente pelo fato de morar dentro de comunidade e também pelas minhas características física, de negra moradora de comunidade. (...) e, ai então a gente acaba não se escrevendo em determinados empregos que aparecem por causa de seu endereço." L.(mulher)

"tem que jogar uma bomba no Jacarezinho para que vocês morram, para que morram todo mundo de uma vez só morram todos os barracos".

"As vezes eu engrosso, as vezes eu finjo que não estou escutando, muitas vezes eles sabem que eu vou revidar então eles ficam me alfinetando pra que eu fale alguma coisa, mas eu não tenho vergonha nem um pouco estou as vezes no meio de 20 e 30 pessoas, respondo o que tenho que responder e as vezes a resposta vem na hora. "ouço muitas piadas muitas gracinhas - mas revido todás elas. Por exemplo: E aí... o Vado, como ficou Belo ..., teve tiroteio na sua área, morreram tantos... ,eu escuto piadinhas". G(mulher)

"eu fiz a ficha comecei a trabalhar e sabiam que eu morava aqui, depois de um tempo a minha chefe chegou e falou assim: pocha nem parece que vc mora no Jacarezinho. Aí eu falei: Uê não parece pq? Tem alguma diferença de quem mora na favela de quem mora num bairro? Ah pq você é uma menina educada, é nem parece que mora em favela, geralmente quem mora em é... é... mal educado, xinga não sei o quê. Quando vc entro aqui, eu pensei que... a gente ficou meio assim em colocar vc pq ... por causa que vc morava num... no Jacarezinho., mas aí depois a gente foi te conhecendo e viu que vc era uma pessoa legal. Não sei como que pode seus pais é... deixarem vc conviver num local como o Jacarezinho."

"professores ficavam falando que o pessoal que estava ali eram privilegiados que ao redor só tinha favela que a realidade fora dali era completamente diferente, que eles estavam rodeados de marginais e a gente ali é..., naquele local se sentia assim discriminados."

"geralmente quem mora em é... é... mal educado, xinga não sei o quê. Quando vc entro aqui, eu pensei que... a gente ficou meio assim em colocar vc pq ... por causa que vc morava num... no Jacarezinho., mas aí depois a gente foi te conhecendo e viu que vc era uma pessoa legal." M.(mulher)

"E eu tenho um problema tb de trazer amigos aqui pq realmente é constrangedor vc trazer uma pessoa que não mora na favela e vc passa e vê o tráfico na rua quer dizer vc fica morrendo de vergonha a gente fica com medo tb. Pq apesar de a gente morar na favela, a gente não tem contato com o tráfico e por mais que a gente veja isso a gente não consegue se acostumar com isso". E(mulher)

"é discriminado pela sociedade que não está se preocupando no que ele está criando porque, quando ele fecha uma porta e discrimina uma pessoa porque ela mora numa favela, ela está criando um ciclo vicioso, porque ela vai voltar para favela e vai se virar por lá mesmo. O que ela tem para fazer? O tráfico, porque quando uma sociedade não acolhe uma pessoa, o tráfico acolhe... faz o papel de pai mãe, amigos daquela e acaba sendo um circulo e a favela acaba tendo esse ar de violência, mas também, criado dentro dessa estrutura." C.(Homem)

"a gente sofre discriminação que são, geralmente, veladas e já tive uma experiência de um emprego que fui por indicação e quando cheguei lá na hora de preencher a ficha coloquei que morava no Jacarezinho e o cara perguntou se eu morava dentro e aí ele me cortou, eu fui discriminado pelo fato de morar aqui ele inventou lá uma desculpa na hora mas eu percebi que foi por esse motivo".

"que atrapalha neste estereótipo, esta coisa que as pessoas têm da favela, ou seja, geralmente quando as pessoas nos conhecem vêm fazendo aquelas mesmas perguntas de sempre, aquelas mesmas brincadeiras de sempre e ..., acho que também eu não me preocupo com isso por que acho que não vale apenas mudar um pessoa ou outra, acho que a favela tem que trabalhar para ela mesmo, acho que é aqui dentro é que a gente muda as coisas e, é a partir daqui de dentro é que as pessoas vão nos conhecer, por mais que você fale para uma ou duas pessoas que

você conheça o que ela conhece da comunidade não é a realidade da comunidade, isso pouco vai mudar porque se ela não acreditar ela não vai conseguir passar aquilo pra frente. Então acho que a mudança tem que ser feita aqui dentro." C (homem)

Os conceitos negativos que permearam durante muito tempo as ações públicas nos espaços favelados influenciam ainda hoje, a inserção social dos moradores destes locais. Estes herdaram a "marca de perigo" e a identidade social pautada pela idéia de pobreza, miséria, família desagregada, criminalidade e delinqüência. O conceito de lugar por excelência da desordem, visto pelo poder público e por algumas instituições, e aos olhos de outras regiões do país, passa a ser também, por extensão, a própria imagem da cidade. Assim, os estereótipos que se formam sobre a cidade, são pelos mesmos atribuídos à favela. Ao longo deste século a favela foi representada como um dos fantasmas prediletos do "imaginário urbano": como foco de doenças, gerador de mortais epidemias, como sítio por excelência de malandro e ociosos, negros inimigos do trabalho duro e honesto; como amontoado promíscuo de populações sem moral. (Alvito e Zaluar, 1997:14).

Diante destas informações, só nos resta refletir que a afirmação ou negação da identidade não se constituem enquanto um problema individual destes ou de outros moradores. Pois, estes demonstram clareza que esta negociação é uma das estratégias que se faz necessário acionar, em momentos que está em jogo a sua mobilidade e possibilidade de ascensão social.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui desenvolvido apresentou argumentos que isenta os moradores dos espaços populares da total responsabilidade do fenômeno pobreza, desigualdade e exclusão social a que estão imersos. As explicações estão na maneira como se configurou a estrutura de classes na sociedade brasileira, mais especificamente, no século XX, tendo em vista ter sido neste que o sistema capitalista se consolidou. Podemos dizer então, que a situação de marginalidade em que se encontram os moradores de favela se constitui apenas, como mais um dos caracteres do sistema de exclusão que compõem o capitalismo.

Assim, observamos que a origem deste fenômeno não se pode explicar através de uma situação unicamente de dimensão econômica da "crise". Pois, estes não são caracterizados por um retorno forçado da escassez (a riqueza nacional continua crescendo, mesmo que em um ritmo menos rápido). Neste caminho, o desafio contemporâneo da pobreza não poderá ser realçado a partir de determinadas visões puramente econômicas que geram intervenções equivocadas de assistência. Precisamos ir além destes limites esforçando-se para preencher este vazio social deixado pelos perversos processos históricos, econômicos e sociais de nosso País.

Acreditamos também, que este pode ser um caminho possível para desvelar os meios utilizados pelo capital visando consolidar o desenho espacial caótico das cidades, que nada mais é do que o fiel retrato da divisão de classes em nossa sociedade. Observamos no processo de urbanização as formas que as áreas da cidade foram ocupadas e, nesta ficou ainda mais nítida as fortes marcas das contradições de nossa sociedade e das condições sociais dos habitantes, que se encontram espalhados em um espaço onde a segregação se mantém imperante no âmbito das relações políticas, econômicas e sociais.

É dentro deste contexto que se buscou produzir subsídios que poderão contrapor a idéia equivocada da favela como um espaço das "classes perigosas". Pois para nós, reconstituir as etapas de formação dos espaços populares e discorrer sobre o protagonismo dos moradores residentes nas favelas, envolvidos na luta do Movimento dos Pré-Vestibulares para Negros e Carentes é colaborar para a superação de representações conservadoras. É também, fortalecer a identidade positiva destas pessoas e, concomitantemente, das favelas pelo viés das lutas populares e das ações coletivas. Nesta trajetória se buscou perfazer o caminho para construir um estudo consistente capaz de despertar outros membros da comunidade científica para se dedicarem a estudos que levem em conta a realidade dos moradores dos espaços favelados, afim não só de investigar mas, também de colaborar na criação de ferramentas capazes de pressionar o poder público a reparar a sua enorme dívida social nos distintos processos de exclusão vivenciados pelos moradores destes espaços.

Referências Bibliográficas:

- ABRACHES, Sérgio. **Os Despossuídos: Crescimento e Pobreza do País dos Milagres**, Rio de Janeiro, Zauar. 1985.
- ABREU, Maurício de A. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. 3ª ed. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.
- ALVITO, Marcos. **As cores de Acari**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- BURGOS, Marcelo B. **Dos parques proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro**. In: **Um século de favela**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- CARVALHO, Luiza. Famílias chefiadas por mulheres: relevância para uma política. **Revista Serviço Social e Sociedade**. Ano X. n. 57. p. 74-98. São Paulo: Cortez, julho/ 1998.
- CARVALHO, Maria Alice R. de. Itinerário suburbano. Gramsci e o Brasil. Disponível em <<http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv149.htm>>. Acesso em 30/ 10/ 02.
- CASTEL, Robert. **Da indigência à Exclusão, a Desfiliação: Precariedade do Trabalho e Vulnerabilidade Relacional**. In: **Saúde e Loucura** n° 4. São Paulo, Hucitec, 1993, pp. 21-49.
- CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____ **O Poder da Identidade**, 2ª edição, Coleção A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, Volume 2, Editora: Paz e Terra
- COIMBRA, Cecília. **Operação do Rio: o mito das classes perigosas; um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública**. Rio de Janeiro: Oficina de Autor; Niterói: Intertexto, 2001.
- CORRÊA, Roberto L. **O Espaço Urbano**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1999.
- DIÓGENES, Glória. **Territorialidade e violência: novos ritos de ordenação urbana nas grandes metrópoles**. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS 23. **GT Metropolização e Governança**. Caxambú : [s.n.], 1999.
- HARVEY, D. O trabalho, o capital e o conflito de classes em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas. **Espaço & Debates**. n° 6. p. 6-35, 1982.
- JODELET, D., *Représentations social: un domain en expansion*. In *Les Représentations Sociales* (D. Jodelet, org.), pp. 31-61, Paris: Presses Universitaires de France. In SPINK, Mary Jane. *O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial*. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro (3): 300-308, jul / set, 1993.
- KAZTMAN, Rubén. **Seducidos y abandonados : el aislamiento social de los pobres urbanos**. Revista de La CEPAL 75, diciembre 2001
- KOWARICK, L. **A espoliação urbana**. Capítulos 2 e 3, p. 29-74. São Paulo: Paz e Terra, 1983

- LEFÈVRE, Fernando e outros, **O Discurso do Sujeito Coletivo, uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**, EDUCS, Caxias do Sul, 2000.
- LUDKE e ANDRÉ. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986
- MINAYO, M, C. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São
- MARTINELLI, Maria Lúcia. **O Serviço Social na transição para o próximo milênio: perspectivas e desafios**. Revista Serviço Social e Sociedade. Ano X. n. 57. p. 133-148. São Paulo: Cortez, julho/ 1998.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. (org.) **Rio de Janeiro: trabalho e sociedade**. Ano 2. n° 03. Rio de Janeiro: EDI-FATO, 2002.
- NASCIMENTO, Eliomar Pinheiro. **Hipótese sobre a nova exclusão social: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários**. Caderno do Centro de Recursos Humanos(CRH) da UFBA. Salvador, n° 21, jul/dez de 1994:29-47.
- OLIVEIRA, Francisco. **Estado, sociedade, movimento sociais e políticas públicas no limiar do século XXI**. Fase, Rio de Janeiro, 1994.
- PAUGAN, Serge. Fragilidade e Ruptura dos Vínculos Sociais: uma dimensão essencial de desqualificação social, traduzido por Wanderley Mariângela Belfiore, In: Revista Serviço Social e Sociedade, n° 60, julho, 1999.
- PERALVA, Angelina. **Violência e democracia: o paradoxo brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- PRETECEILLE, Edmond. **Segregação, classes e política na grande cidade**. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, Vol. X, n.2, p. 15-37, Ago/ dez. 1996.
- _____. Cidades globais e segmentação social In RIBEIRO, L.C. & JUNIOR, O **Globalização, fragmentação e reforma urbana**. Civilização Brasileira.
- REZENDE, Fernando; LIMA, Ricardo (orgs). **Rio-São Paulo cidades mundiais: desafios e oportunidades**. Brasília: IPEA, 1999.
- SEBRAE/ IBASE. **Informalidade e cidadania**. Rio de Janeiro, 1997.
- SANTOS JUNIOR, Orlando A. dos. **Reforma urbana: por um novo modelo de planejamento e gestão das cidades**. Rio de Janeiro: FASE/ IPPUR-UFRJ, 1995.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- SILVA, L. A Machado (org). **Urbanização e desenvolvimento no Brasil atual**. São Paulo: Ática, 1996.
- SILVA, Maria Lúcia C. da. Um quase depoimento. **Revista Serviço Social e Sociedade**. Ano X. n. 57. p. 149-165. São Paulo: Cortez, julho/ 1998.

VALLA, Victor Vincent (org.). Saúde e Educação, procurando compreender a fala das classes populares, Rio de Janeiro, 2000.

VALLADARES, Lícia do Prado. **Passa-se uma casa**. Análise de remoção de favelas, 1978.

_____. **Cem anos Pensando a Pobreza (Urbana) no Brasil**. In: Corporativismo e desigualdade: a Construção do Espaço Público no Brasil, (org.) R. Boschi, Renato Rio de Janeiro, Rio Fundo: IUPERJ, 1991.

YACOUB, Leila B. D. Inovações na gestão da mão-de-obra: participar é preciso. **Revista Serviço Social e Sociedade**. Ano X. n. 57. p. 52-73. São Paulo: Cortez, julho/ 1998.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (orgs). **Um século de favela**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

Quadro de construção da análise da Entrevista Coletiva

Primeira questão:

O que você entende por favela?

| Idéias Centrais | Palavras-Chaves | Expressões Chaves |
|--|--|--|
| A. (mulher) " Para mim favela é o nome que se é dado oficialmente e que todo mundo conhece de uma comunidade carente. Sendo que este é o meu conceito eu acho que favela é uma comunidade carente"... | - Comunidade carente; - Nome oficial. | "a gente tá muito mais sujeito à violência do que qualquer outra pessoa que mora fora da favela e se perante a lei nós somos cidadãos então que cidadania é essa?" |
| L.(mulher) "favela para mim é um amontoado de poucos recursos, que a gente tem ciências disso, que a maioria das pessoas que moram dentro da comunidade são pessoas de poucos recursos. Mas, de maioria trabalhadora e batalhadora. | - Amontoado de pouco recursos; - Trabalhadoras e batalhadoras. | "agente mora dentro de uma comunidade a gente sofre discriminação." |
| G(mulher) " são pessoas que vieram, geralmente, do nordeste e por ser nordestino já tem um discriminação a mais, são negras esfarrapadas esse é conceito de favela que as pessoas lá de fora tem...e, o conceito de favela que eu tenho, justamente por morar aqui é justamente o oposto: são pessoas que vieram do nordeste pra batalhar o futuro aqui dentro porque, nos seus estados não tinha condições de sobrevivência. Então, vieram tentar uma vida no Rio de Janeiro ou em São Paulo numa grande metrópoles, chegando aqui elas não encontrou o que elas imaginavam é... uma boa casa o que elas vêem na televisão. Elas acabam se acoplando dentro de favelas e morando uma por cima das outras, criando seus filhos aqui muitos partem até para o mundo da criminalidade mas..." | - Morar um por cima do outro; - Pessoas lá de fora; - Futuro; - Condições de sobrevivência; - Criminalidade. | "você não são melhores do que eu por vocês morarem em bairro e eu morar em uma favela, muito pelo contrário, se vocês forem ver a minha história de vida é muito mais importante do que a de vocês que sempre tiveram tudo na mão que nunca precisaram correr atrás de nada. Eu não sempre tive que correr atrás de tudo na minha vida. Eu acho que posso me orgulhar muito mais do meu caráter do que vocês". " sempre procuro deixar bem claro para as pessoas onde eu moro, da onde eu vim e o que eu represento dentro da universidade, o que eu significo pra ela. E eu convivo com muitas pessoas dentro do meu curso que vieram de pré-vestibular comunitário e tem uma visão parecida com a minha". |

| | | |
|---|---|--|
| <p>M.(mulher)</p> <p>"Eu acredito que seja um local como se fosse uma..., onde as pessoas mais desfavorecidas convivem mas, o que difere no caso é a infra-estrutura, não tem a mesma infra-estrutura que tem em um bairro, tem as dificuldades com saneamento básico, as casas mas as pessoas em si são pessoas conscientes, são pessoas educadas não tem essa coisa de favelado, tem pessoas que moram em bairros que são favelados tem pessoas que moram na favela e que não são faveladas - favelados acredito que seja uma pessoas... esse conceito de favelado eu não concordo as pessoas falam favelados como se fossem uma pessoa mal educada e não uma pessoa que mora em uma comunidade."</p> | <ul style="list-style-type: none"> - pessoas desfavorecidas; - Infra-estrutura diferente; - Dificuldades | <p>"Ah! Vária vezes. Só o fato de você falar que mora no Jacarezinho as pessoas já te olham assim meio de rabo de olho. Eu lembro de uma vez que eu fiz um curso aí o pessoal começou a falar negócio de favela, _ "não que aqui é cheio de favela, que não sei o que." Aí eu peguei e falei: eu moro no Jacarezinho! Aí todo mundo sabe, deu aquele choque porque não esperavam que alguém que estivesse ali morasse numa favela. As pessoas já me olharam assim, ah!!! Jacarezinho é perigoso. Aí eu falei assim oh gente mas todo lugar é perigoso, não é porque aqui gente, é... por ser um bairro não é que não seja perigoso".</p> |
|---|---|--|

| Idéias Centrais | Palavras-Chaves | Expressões Chaves |
|--|---------------------------------------|--|
| E(mulher) "vendo por um lugar onde moram pessoas carentes"... | - Lugar; - Pessoas; - carentes. | "A gente nem é igual e também não sabe o que fazer pra ser diferente(grifo meu). |

| | | |
|---|---|---|
| C. (Homem)" um conceito de que mora na favela e de quem não mora na favela, praticamente tudo já foi falado. Mas..., favela do ponto de vista, do meu ponto de vista que mora na favela o que eu melhor posso falar é um grupo de pessoas que se juntou e desde o começo já começou junto é..., e ai que é a força da favela. Se você for fazer uma favela sozinho você não consegue fazer uma favela. Então, as pessoas que começaram desde princípio que se reuniram nas favelas começaram unidas, trabalharam unidas para a manutenção do espaço delas então isso impregnou um pouco nas comunidades. E, favela é isto ai pessoas que lutam juntas para sobreviver pelas suas próprias forças" | - Grupo de pessoas que se juntou; - Começou juntos; - Começam unidas trabalha; - Lutar juntas para sobreviver. | " E, favela é isto ai pessoas que lutam juntas para sobreviver pelas suas próprias forças." |
|---|---|---|

ANEXOS

Análise da Entrevista Coletiva Construção do discurso do sujeito coletivo - DSC Jovens moradores da Favela do Jacarezinho Inseridos na ação do PVNC

Primeira questão:

- O que você entende por favela?

Ancoragem:

- Nome dado oficialmente a uma comunidade;
- Um amontoado de poucos recursos;
- São pessoas que vieram de outros estados para batalhar melhores condições de vida;
- Locais onde as pessoas mais desprovidas convivem;
- Existem péssimas condições de saneamento;
- Lugar de pessoas conscientes e educadas.

Idéia Central:

- Frente às condições de vida na comunidade os seus moradores desenvolveram um espírito de solidariedade, organização e luta para que mesmo diante das ausências diversas (infra-estrutura, saúde, trabalho, educação e outros) se construiu um meio capaz de buscar melhoria na qualidade de vida.

Discurso do Sujeito Coletivo:

- A favela seria um lugar onde moram as pessoas de pouco recursos, “carentes”. Ela foi caracterizada pela ausência de infra-estrutura urbana, porém, ao contrário do que pensam as pessoas que moram fora da favela, os moradores desse espaço são pessoas bem educadas, trabalhadoras e batalhadoras, saem bem cedo para garantir os seus meios de sobrevivência a partir do trabalho duro e voltam no raiar do dia.

Análise da Entrevista Coletiva

Segunda questão:

A partir desta concepção acerca do seu espaço de sua moradia, dizer o que o faz afirmar ou negar a existência de uma identidade com o local?

| Idéias Centrais | Palavras-Chaves | Expressões Chaves |
|--|--|---|
| <p>A. (mulher)</p> <p>Afirmar: no ambiente de trabalho, na escola e na faculdade é porque é bom para mudar esses estereótipos que as pessoas que moram em comunidade carente tem por exemplo: as meninas são taxadas de prostitutas e vagabundas e os meninos como bandidos independente de sua personalidade e de caráter. Depois que as pessoas te conhecem é que elas vão mudando a opinião ao seu respeito. Mas a princípio quando você diz que mora em comunidade carente as pessoas vão te olhando de rabo de olho, com desconfiança, faz cara feia fala mal, pode até não falar mas o jeito como ela olha transparece o que ela está pensando de você naquela hora".</p> <p>Negar: " O que leva a gente muitas vezes a negar que mora na favela não é o fato de ter vergonha, mas sim por que existe perigo em assumir"</p> | <ul style="list-style-type: none">- mudar os estereótipos;- meninas taxadas de prostitutas e meninos como vagabundos;- conhecer e mudar a opinião ao seu respeito;- Olhar com desconfiança. | <p>"eles fazem questão de fazer essa imagem da gente, justamente pra gente ficar a margem da sociedade discriminado em qualquer lugar, seja no emprego, na escola pra gente não conseguir subir na vida , pra gente sempre ta a margem da sociedade sempre ta discriminado, excluído. Porque se todo mundo na verdade, se a maioria das pessoas não fossem trabalhadores como é verdade, que a maioria das são trabalhadores, estudantes que lutam pra um dia Ter uma condição de vida melhor".</p> |

| | | |
|---|--|---|
| <p>L.(mulher)</p> <p>Afirmar: "quando estamos na roda de pessoas e de amigos, que as pessoas começam a denegrir(grifo meu) a imagem da comunidade, que agente sabe que nada daquilo acontece ai a gente é levado a assumir e a mostrar os pontos positivos que existe dentro da comunidade".</p> <p>Negar:" a discriminação que a gente sofre, principalmente no trabalho quando agente mora dentro de uma comunidade a gente sofre discriminação."</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Pessoas denigrem a imagem; - Assumir e mostrar pontos positivos. | <p>"discriminação que a gente sofre, principalmente no trabalho quando agente mora dentro de uma comunidade"</p> |
| <p>G(mulher)</p> <p>Afirmar: " quando vou a qualquer lugar que as pessoas me olham com olhar diferente, eu faço questão de dizer que moro no Jacarezinho. E, mesmo no trabalho todo mundo sabe que moro no Jacarezinho". Negar: "é por questão de sobrevivência, as vezes você está em um local diferente onde você não conhece e você não sabe que tipo de facção que vigora naquele lugar então você é obrigado a negar e falar que mora nos bairros próximos."</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Olhado de forma diferente; - Obrigado a negar e a falar que mora nos bairros próximos | <p>"quando vou a qualquer lugar que as pessoas me olham com olhar diferente, eu faço questão de dizer que moro no Jacarezinho."</p> |

| | | |
|--|--|--|
| <p>M.(mulher)</p> <p>Afirmar: O que me aproxima daqui são as pessoas. As pessoas da comunidade são muito mais acolhedoras, são mais fraternas, se alguém precisa de alguma coisa todo mundo se propõem a ajudar e que você ver que nos outros bairros aos arredores de fora não são a mesma coisa. As pessoas são mais egoístas, são mais... tem medo, cada um na sua casa, cada um no seu canto e aqui não, cada um fala com todo mundo vai na casa das pessoas conhecidas".</p> <p>Negar: " a violência tem em todo lugar, mas é claro que é diferente, na porta da minha casa nunca vai aparecer alguém, uma pessoa morta. E aqui várias vezes eu saía de casa tinha... tinha tiroteio e uma pessoa estava lá caída morta."</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Proximidade das pessoas; - São mais fraternas; - A violência | <p>"se alguém precisa de alguma coisa todo mundo se propõem a ajudar e que você ver que nos outros bairros aos arredores de fora não são a mesma coisa."</p> |
|--|--|--|

| Idéias Centrais | Palavras-Chaves | Expressões Chaves |
|---|---|---|
| <p>E(mulher)</p> <p>Afirmar: eu costumo assumir quando eu estou em lugares onde eu sei que isso vai reforçar a imagem que o favelado não é uma pessoa mal educada essa coisas. Na faculdade pôr exemplo, eu escuto várias piadas. Ah você é prima do Beira-mar. Como se tudo dentro da favela tivesse ligado ao tráfico.</p> <p>Negar:" quando eu estou com pessoas estranhas, dentro de ônibus ou outras situações pelo medo mesmo dessa guerra de facções".</p> | <ul style="list-style-type: none"> - reforçar a imagem que o favelado não é uma pessoa mal educada essa coisas. - Medo da guerra das facções. | <p>"Ah você é prima do Beira-mar. Como se tudo dentro da favela tivesse ligado ao tráfico."</p> |

| | | |
|--|--|---|
| <p>C. (Homem)</p> <p>Afirma: "eu onde tiver que ir eu boto lá Jacarezinho mesmo quem quiser que tem que respeitar. Ou me dar uma oportunidade de mostrar para ele que a comunidade e as pessoas que se vêem nela são diferente daquilo que ele pensa ou então vai viver na ignorância eterna."</p> <p>Afirma: " ao que me prende a favela é como eu já falei é a questão das amizades em fim, são muito mais sinceras são mais é...as vezes nem são tão amigas mais as vezes são solidárias a você, se você observar em outros lugares as pessoas quando se falam, quando se falam os vizinhos é um bom dia um boa tarde e aqui não as pessoas se necessitam de uma ajuda sabe que pode procurar no vizinho que se ele poder ele vai te ajudar".</p> | <p>- Oportunidade de mostrar o que é.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respeitar; - Amizades; - São muito mais sinceras; - Ajudas pode procurar o vizinho. | <p>" quem quiser que tem que respeitar. Ou me dar uma oportunidade de mostrar para ele que a comunidade e as pessoas que se vêem nela são diferente daquilo que ele pensa ou então vai viver na ignorância eterna."</p> |
|--|--|---|

Análise da Entrevista Coletiva
Construção do discurso do sujeito coletivo - DSC
Jovens moradores da Favela do Jacarezinho
Inseridos na ação do PVNC

Segunda questão:

- A partir da concepção do seu lugar de sua moradia, dizer o que o leva afirmar ou negar a existência de uma identidade com o local?

Ancoragem:

- A possibilidade de poder mudar os estereótipos existentes sobre as pessoas que moram na favela;
- Quando se estreita a relação com os moradores da favela, geralmente a idéia que se tem a respeito deles são desfeitas.
- As relações positivas estabelecidas no interior da comunidade;
- Os moradores de comunidades, ainda que não tenha qualquer envolvimento com o poder paralelo, muitas vezes tem que respeitar o a sua geografia, ou seja, não pode transitar ou afirmar a sua identidade em qualquer lugar;

Idéia Central:

- Sua história de vida e a dos seus pais colaboraram para a criação de uma forte identidade com o local. Por este motivo a identidade somente é negada nos espaços em que a sua segurança está em jogo. Em outros locais, como por exemplo no campo de trabalho, ela é afirmada, pois, para eles está manifestação nos espaços formadores de opinião, pode também colaborar para a construção de um novo olhar sobre os moradores de favela.

- **Discurso do Sujeito Coletivo:**

Muitas vezes identificar-se ou não como morador da "favela", assumir ou não ser "favelado" é ligar-se diretamente a imagem do "marginal", do "ilegal", do "desonesto" além de se expor aos riscos sociais presente no cotidiano destes sujeitos. Porém, em alguns momentos afirmar esta identidade com o local pode ser também uma estratégia de superação das representações tradicionais e estereotipadas.

Análise da Entrevista Coletiva

Terceira questão:

Em sua vivência cotidiana alguma vez haviam sido impedido de realizar ou participar de algum evento ou atividade pelo fato de morar em "favela"? Se positivo, relate esta experiência.

| Idéias Centrais | Palavras-Chaves | Expressões Chaves |
|--|--|---|
| A. (mulher) "Mas a princípio quando você diz que mora em comunidade carente as pessoas vão te olhando de rabo de olho, com desconfiança, faz cara feia fala mal, pode até não falar mas o jeito como ela olha transparece o que ela está pensando de você naquela hora". | <ul style="list-style-type: none">- Olhar com desconfiança;- O jeito com que ela o olha transparece. | "nos que somos... é nós que formamos o verdadeiro futuro pq a gente é que trabalha, que serve pra eles pra eles poder ter a mordomia que eles tem." |
| L.(mulher) "Quando fui procurar um emprego sabíamos que se colocássemos o endereço seríamos discriminados mesmo, não pela distancia mas, por morar em comunidade. E, ai então a gente acaba não se escrevendo em determinados empregos que aparecem por causa de seu endereço. Esta discriminação se deu porque neste emprego seria para trabalhar com o público e fatalmente pelo fato de morar dentro de comunidade e também pelas minhas características física, de negra moradora de comunidade". | <ul style="list-style-type: none">- Discriminados por morar na comunidade;- Discriminado pela aparência física. | "E, ai então a gente acaba não se escrevendo em determinados empregos que aparecem por causa de seu endereço." |

| | | |
|---|--|---|
| <p>G(mulher)</p> <p>"tem que jogar uma bomba no Jacarezinho para que vocês morram, para que morram todo mundo de uma vez só morram todos os barracos".</p> <p>" As vezes eu engrosso, as vezes eu finjo que não estou escutando, muitas vezes eles sabem que eu vou revidar então eles ficam me alfinetando pra que eu fale alguma coisa, mas eu não tenho vergonha nem um pouco estou as vezes no meio de 20 e 30 pessoas, respondo o que tenho que responder e as vezes a resposta vem na hora. "</p> | <p>- Morram todos os barracos; - Eu não tenho vergonha nem um pouco.</p> | <p>"ouço muitas piadas muitas gracinhas - mas revido todas elas. Por exemplo: E ai... o Vado, como ficou Belo ..., teve tiroteio na sua área, morreram tantos... ,eu escuto piadinhas."</p> |
|---|--|---|

| | | |
|---|---|---|
| <p>M.(mulher)</p> <p>" eu fiz a ficha comecei a trabalhar e sabiam que eu morava aqui, depois de um tempo a minha chefe chegou e falou assim: pocha nem parece que vc mora no Jacarezinho. Aí eu falei: Ué não parece pq? Tem alguma diferença de quem mora na favela de quem mora num bairro? Ah pq você é uma menina educada, é nem parece que mora em favela, geralmente quem mora em é... é... mal educado, xinga não sei o quê. Quando vc entro aqui, eu pensei que... a gente ficou meio assim em colocar vc pq ... por causa que vc morava num... no Jacarezinho., mas aí depois a gente foi te conhecendo e viu que vc era uma pessoa legal. Não sei como que pode seus pais é... deixarem vc conviver num local como o Jacarezinho."</p> <p>" professores ficavam falando que o pessoal que estava ali eram privilegiados que ao redor só tinha favela que a realidade fora dali era completamente diferente, que eles estavam rodeados de marginais e a gente ali é..., naquele local se sentia assim discriminados."</p> | <p>- Quem mora em favela é mal educado.</p> | <p>" geralmente quem mora em é... é... mal educado, xinga não sei o quê. Quando vc entro aqui, eu pensei que... a gente ficou meio assim em colocar vc pq ... por causa que vc morava num... no Jacarezinho., mas aí depois a gente foi te conhecendo e viu que vc era uma pessoa legal."</p> |
|---|---|---|

| Idéias Centrais | Palavras-Chaves | Expressões Chaves |
|---|---|---|
| <p>E(mulher)</p> <p>" E eu tenho um problema tb de trazer amigos aqui pq realmente é constrangedor vc trazer uma pessoa que não mora na favela e vc passa e vê o tráfico na rua quer dizer vc fica morrendo de vergonha a gente fica com medo tb. Pq apesar de a gente morar na favela, a gente não tem contato com o tráfico e por mais que a gente veja isso a gente não consegue se acostumar com isso".</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Eu tenho vergonha de trazer amigos aqui; - A gente não tem contato com o tráfico; - Não conseguimos se acostumar. | <p>"é discriminado pela sociedade que não está se preocupando no que ele está criando porque, quando ele fecha uma porta e discrimina uma pessoa porque ela mora numa favela, ela está criando um ciclo vicioso, porque ela vai voltar para favela e vai se virar por lá mesmo. O que ela tem para fazer? O tráfico, porque quando uma sociedade não acolhe uma pessoa, o tráfico acolhe... faz o papel de pai mãe, amigos daquela e acaba sendo um circulo e a favela acaba tendo esse ar de violência, mas também, criado dentro dessa estrutura ."</p> |

| | | |
|--|--|---|
| <p>C.(Homem)</p> <p>" a gente sofre discriminação que são, geralmente, veladas e já tive uma experiência de um emprego que fui por indicação e quando cheguei lá na hora de preencher a ficha coloquei que morava no Jacarezinho e o cara perguntou se eu morava dentro e ai ele me cortou, eu fui discriminado pelo fato de morar aqui ele inventou lá uma desculpa na hora mas eu percebi que foi por esse motivo"</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Discriminação velada; - Discriminado pelo fato de morar aqui. | <p>"que atrapalha neste estereótipo, esta coisa que as pessoas têm da favela, ou seja, geralmente quando as pessoas nos conhecem vêm fazendo aquelas mesmas perguntas de sempre, aquelas mesmas brincadeiras de sempre e ..., acho que também eu não me preocupo com isso por que acho que não vale apenas mudar um pessoa ou outra, acho que a favela tem que trabalhar para ela mesmo, acho que é aqui dentro é que a gente muda as coisas e, é a partir daqui de dentro é que as pessoas vão nos conhecer, por mais que você fale para uma ou duas pessoas que você conheça o que ela conhece da comunidade não é a realidade da comunidade, isso pouco vai mudar porque se ela não acreditar ela não vai conseguir passar aquilo pra frente. Então acho que a mudança tem que ser feita aqui dentro."</p> |
|--|--|---|

Análise da Entrevista Coletiva
Construção do discurso do sujeito coletivo - DSC
Jovens moradores da Favela do Jacarezinho
Inseridos na ação do PVNC

Terceira questão:

- Em sua vivência cotidiana você já foi impedido de realizar ou participar de algum evento ou atividade pelo fato de morar em "favela"? Em caso de resposta positiva, relate esta experiência?

Ancoragem:

- Muitas vezes são negadas oportunidades de trabalho a determinadas pessoas pelo fato de residir em favela.
- Existe no imaginário social uma idéia negativa arraigada dos moradores de espaços favelados;
- Somos apontados pela sociedade como figuras exóticas.

Idéia Central:

- A existência de um forte preconceito sobre a favela se dá, principalmente, pelas imagens negativas que foram projetadas, ao longo do tempo, pela mídia. Esta raramente enfocava a comunidade sobre os seus aspectos positivos. Desta maneira, os estereótipos entorno das favelas foram sendo disseminados. Então, a comunidade passa a ser vista como um lugar que abriga marginais de todas as ordens e, a sua concepção enquanto alternativa de moradia encontrada pelas classes populares fica totalmente esquecida nesta história.

Discurso do Sujeito Coletivo:

Dentre as inúmeras razões que podem está por trás da "discriminação do endereço", que ocorrem com maior incidência no processo de inserção no mercado de trabalho, esta a imagem deturpada que se construiu dos moradores de favela onde, hora os empregadores demonstram está influenciado pela idéia do próprio candidato ser um bandido (já feito ou em potencial) ou alguém que tenha estreita ligação com um deles, hora eles optam por não contratar moradores de favela pelo fato destes em determinados momentos poder ficar impedidos de se locomover e comparecer ao trabalho nos dias em que houver "guerra do tráfico".

Entrevista:

Eu gostaria que fosse comentado o que identifica e o que te aproxima ou afasta ?

A:

" O que leva a gente muitas vezes a negar que mora na favela não é o fato de ter vergonha, mas sim por que existe perigo em assumir - uma amiga havia me contado que presenciou um menina ser expulsa do ônibus pelo fato de estar usando uma blusa vermelha. Um grupo de outra favela e de outra facção criminosa, que também estava dentro ônibus viajando. Então muitas vezes a gente nega que mora dentro da comunidade carente porque a gente tem medo de repressão e porque a gente tem medo do que possa nos acontecer com a gente".

Agora o que pode levar a gente assumir que mora é o fato por exemplo: no ambiente de trabalho, na escola e na faculdade é porque é bom para mudar esses estereótipos que as pessoas que moram em comunidade carente tem por exemplo: as meninas são taxadas de prostitutas de vagabundas e os meninos como bandidos independente de sua personalidade e de caráter. Depois que as pessoas te conhecem é que elas vão mudando a opinião ao seu respeito. Mas a princípio quando você diz que mora em comunidade carente as pessoas vão te olhando de rabo de olho, com desconfiança, faz cara feia fala mal, pode até não falar mas o jeito como ela olha transparece o que ela está pensando de você naquela hora".

L. -

" O que geralmente nos faz pelo menos a mim negar que sou uma "favel...", que moro em uma comunidade carente, geralmente é a discriminação que a gente sofre, principalmente no trabalho quando agente mora dentro de uma comunidade a gente sofre discriminação. Então este é um dos motivos que me leva as vezes negar que moro em uma comunidade".

"O que me faz as vezes assumir é aquela coisa que quando estamos na roda de pessoas e de amigos, que as pessoas começam a denegrir a imagem da comunidade, que agente sabe que nada daquilo acontece ai a gente é levado a assumir e a mostrar os pontos positivos que existe dentro da comunidade".

Você já foi impedida de desenvolver determinada atividade pelo fato de morar em uma favela? Comente.

L. - "Quando fui procurar um emprego sabíamos que se colocássemos o endereço seríamos discriminados mesmo, não pela distância mas, por morar em comunidade. E, ai então a gente acaba não se inscrevendo em determinados empregos que aparecem por causa de seu endereço. Esta discriminação se deu porque neste emprego seria para trabalhar com o público e fatalmente pelo fato de morar dentro de comunidade e também pelas minhas características física, de negra moradora de comunidade".

G.:

"O que me faz negar onde eu moro e por questão de sobrevivência, as vezes você está em um local diferente onde você não conhece e você não sabe que tipo de facção que vigora naquele lugar então você é obrigado a negar e falar que mora nos bairros próximos. O que me faz afirmar onde eu moro é quando vou a qualquer lugar que as pessoas me olham com olhar diferente, eu faço questão de dizer que moro no Jacarezinho. E, mesmo no trabalho todo

mundo sabe que moro no Jacarezinho - ouço muitas piadas muitas gracinhas - mas revido todas elas. Por exemplo: E ai... o Vado, como ficou Belo ..., teve tiroteio na sua área, morreram tantos... ,eu escuto piadinhas tem que jogar uma bomba no Jacarezinho para que vocês morram, para que morram todo mundo de uma vez só morram todos os barracos. Ai eu respondo: pra pessoa é realmente, quando queimar os barracos você tem que está presente porque você não contribui nada para a sociedade, você é um energúmeno então quando você jogar a bomba você tem que está presente pra eliminar mas um estorvo da sociedade e daí para baixo. As vezes eu engrosso, as vezes eu finjo que não estou escutando, muitas vezes eles sabem que eu vou revidar então eles ficam me alfinetando pra que eu fale alguma coisa, mas eu não tenho vergonha nem um pouco estou as vezes no meio de 20 e 30 pessoas, respondo o que tenho que responder e as vezes a resposta vem na hora. E, falo na hora vocês não são melhores do que eu por vocês morarem em bairro e eu morar em uma favela, muito pelo contrário, se vocês forem ver a minha história de vida é muito mais importante do que a de vocês que sempre tiveram tudo na mão que nunca precisaram correr atrás de nada. Eu não sempre tive que correr atrás de tudo na minha vida. Eu acho que posso me orgulhar muito mais do meu caráter do que vocês.

M.:

"O que me aproxima da comunidade são as pessoas, no momento eu não moro aqui dentro da comunidade mas, eu vivo mais aqui, apesar de eu morar em lugar próximo eu vivo como se eu morasse ainda aqui. O que me aproxima daqui são as pessoas. As pessoas da comunidade são muito mais acolhedoras, são mais fraternas, se alguém precisa de alguma coisa todo mundo se propõem a ajudar e que você ver que nos outros bairros aos arredores de fora não são a mesma coisa. As pessoas são mais egoístas, são mais... tem medo, cada um na sua casa, cada um no seu canto e aqui não, cada um fala com todo mundo vai na casa das pessoas conhecidas. Não tem essa coisa de ficar com medo de um vizinho. Não tem problema de assalto, lá fora não tem problema de assalto, tem vários problemas que aqui dentro da comunidade a gente não tem. E... e o que me afasta da comunidade é questão da ... a violência tem em todo lugar, mas é claro que é diferente, na porta da minha casa nunca vai aparecer alguém, uma pessoa morta. E aqui várias vezes eu saía de casa tinha... tinha tiroteio e uma pessoa estava lá caída morta. O tráfico também, lá onde eu moro não vejo o tráfico de drogas. (Você diz de quando você morava aqui?) Quando eu morava aqui. Tráfico de drogas também na minha porta era direto. Era como se fosse uma boca de fumo. Eu tive que sair daqui. Nós tivemos que sair daqui justamente por causa disso, porque ... tava demais no meu portão eles jogavam, escondiam é... cocaína, droga e a gente corria assim risco, porque na hora que eles estavam lá se justamente a polícia chegava, aí começava tiroteio. E fora da comunidade já não acontece isso. Você não vê ninguém cheirando, você não vê ninguém ... é vem.. publicamente é uma coisa mais escondida né.

Você tem alguma experiência, que tenha vivenciado pelo fato de mora em comunidade?

Ah! Vária vezes. Só o fato de você falar que mora no Jacarezinho as pessoas já te olham assim meio de rabo de olho. Eu lembro de uma vez que eu fiz um curso aí o pessoal começou a falar negócio de favela, _ "não que aqui é cheio de favela, que não sei o que." Aí eu peguei e falei: eu moro no Jacarezinho! Aí todo mundo sabe, deu aquele choque porque não esperavam que alguém que estivesse ali morasse numa favela. As pessoas já me olharam assim, ah!!! Jacarezinho é perigoso. Aí eu falei assim oh gente mas todo lugar é perigoso, não é porque aqui gente, é... por ser um bairro não é que não seja perigoso. É no trabalho tb eu tive uma experiência que eu morava aqui e eu fiz a ficha comecei a trabalhar e sabiam que eu morava aqui, depois de um tempo a minha chefe chegou e falou assim: "pocha" nem parece que você

eu não sei se tem muita diferença e... e... de vc tá com a sua família, tá com todo mundo, é qualquer pessoa, de repente uma visita de uma pessoa que não mora dentro da favela na sua casa e de vc se... é uma situação constrangedora e perigosíssima. Uma vez... eu até esqueci de falar disso da outra vez. Uma vez eu tava em casa. Eu devia ter um 16 anos mais ou menos. Era bem nova. Tava em casa sozinha, meus pais estavam trabalhando, minha avó morava do lado da minha casa mas ela tb não tava em casa. Eu estava sozinha. A porta da minha casa tava... tava... não tava trancada. Tava fechada mas não tava trancada. E eu moro num quintal, ainda tem um portão o portão tb tava fechado. O portão tb tava fechado não tava trancado. Eu tava lá em cima no segundo andar. Eu tava até tirando roupa da máquina. Eu ia estender a roupa na corda. Quando eu fui ver os polic... e eu tava com roupa de dormir! Tava com uma roupa simpleszinha. Uma roupa de dormir, uma roupa, uma peça de roupa íntima. Os policiais entraram dentro da minha casa já estavam em cima de mim, de metralhadora na mão e eu fiquei desesperada, comecei a chorar, desesperada e eu nova. Não sabia o que fazer. Eles dois ou três policiais entraram na minha casa já tavam lá em cima no último andar em cima de mim! E pedindo foto do meu pai, eu falei que não tinha lógico e começaram a andar dentro da minha casa e olhar tudo! Meus pais e meus avós ficaram revoltados! Tentaram até assim ver se pudesse fazer alguma coisa mas quando eles chegaram já tinha acontecido há muito tempo. Depois que eles foram embora eu ainda falei com a minha tia que mora do lado da minha casa que é mais próxima da minha casa. Ela pegou e ficou um pouco comigo lá mas é uma situação perigosa eles poderiam ter feito qualquer coisa comigo. Poderia ter feito mal a mim. Poderia ter levado alguma coisa da minha casa. Poderia ter botado alguma coisa na minha casa para depois falar que... sei lá inventar um flagrante que não existisse. Poderia ter feito várias coisas sabe. Como eles pediram a foto do meu pai. Então a gente tá muito mais sujeito à violência do que qualquer outra pessoa que mora fora da favela e se perante a lei nós somos cidadãos então que cidadania é essa? Que a gente... que eles podem fazer o que quiser com a gente, com a nossa família com qualquer pessoa que estiver dentro da nossa casa. E não existe mandado judicial não existe nada. Então a mídia também é muito culpada disso pq eles só mostram o lado perverso, o lado negro de tudo que acontece na favela, por isso que todas as pessoas são taxadas, são estereotipadas como marginais, prostitutas e mulheres de bandidos, ou envolvida com o tráfico ou com qualquer coisa desse tipo entendeu? Então é a própria sociedade age, os burguezinhos, a elite, eles sabem que isso é uma verdadeira mentira, uma sujeira porque se a maioria das pessoas que morassem na favela, ainda mais uma favela grande como o J., a maior favela do RJ, a Rocinha que também é enorme sendo que ela é formada por um complexo e eu acredito que o Jacarezinho seja maior. Então se a maioria das pessoas, mais de 100.000 hab. Fossem, a maioria das pessoas de todas as favelas do RJ _ porque o RJ é cercado por favela em qualquer local, zona sul, zona norte qualquer local - se a maioria fosse bandido, traficante o RJ, talvez até o Brasil inteiro seria uma verdadeira facção. Seria uma verdadeira praça de guerra. Isso daí é uma lógica. A pessoa que raciocina dá pra perceber isso. Então eles fazem questão de fazer essa imagem da gente, justamente pra gente ficar a margem da sociedade discriminado em qualquer lugar, seja no emprego, na escola pra gente não conseguir subir na vida, pra gente sempre ta a margem da sociedade sempre ta discriminado, excluído. Porque se todo mundo na verdade, se a maioria das pessoas não fossem trabalhadores como é verdade, que a maioria das são trabalhadores, estudantes que lutam pra um dia ter uma condição de vida melhor. Então na verdade nos que somos... é nós que formamos o verdadeiro futuro porque a gente é que trabalha, que serve pra eles pra eles poder ter a mordomia que eles tem.

C.

"O que me identifica com a favela, vou procurar fugir um pouco do tema da mídia que é sempre violência e tal a gente fica sempre associando favela e violência, favela e violência. E

a gente que convive aqui dentro que está aqui no dia-a-dia, observa que a questão da violência dentro da favela é quase uma exceção, o cotidiano é sempre de paz, em especial em nossa comunidade em outras comunidades em outras comunidade tem outra realidade mas são poucas também mas, a maioria das comunidades vivem um clima contínuo de paz, então se a gente se deixa levar muito a mídia está colocando a gente acaba se prendendo muito, a essa questão da violência mas, conforme eu estava falando vou seguir por outro caminho. Meu tema não está ligado na violência, com relação ao que me traz... ao que me prende a favela é como eu já falei é a questão das amizades em fim, são muito mais sinceras são mais é...as vezes nem são tão amigas mais as vezes são solidárias a você, se você observar em outros lugares as pessoas quando se falam, quando se falam os vizinhos é um bom dia um boa tarde e aqui não as pessoas se necessitam de uma ajuda sabe que pode procurar no vizinho que se ele poder ele vai te ajudar e tal enfim a comunidade vive neste ritmo as favelas vivem neste ritmo, então isso me atrai muito na comunidade. O que é muito complicado na comunidade como eu já falei é a questão do lazer a própria cultura a educação, a educação é muito ruim no país inteiro mas, nas comunidades por influência da própria da própria comunidade algumas escolas abrem mão da qualidade e de qualquer exigência muitas vezes por medo, enfim a gente vai cair na variável da violência mas não é, o comodismo também que a gente tem é... escolas próximas que desenvolvem um trabalho adequado. Então é isso. Com relação ao que me identifica com a favela é está questão basicamente, as pessoas com as quais a gente convive, talvez seja um pouco de costume mas, eu acho que me acostumei a viver com algumas outras pessoas que a gente passa na vida ai. Com relação a discriminações sofridas, quer dizer a gente sofre discriminação que são, geralmente, veladas e já tive uma experiência de um emprego que fui por indicação e quando cheguei lá na hora de preencher a ficha coloquei que morava no Jacarezinho e o cara perguntou se eu morava dentro e ai ele me cortou, eu fui discriminado pelo fato de morar aqui ele inventou lá uma desculpa na hora mas eu percebi que foi por esse motivo mas, não, não por isso eu procuro mudar eu onde tiver que ir eu boto lá Jacarezinho mesmo quem quiser que tem que respeitar. Ou me dar uma oportunidade de mostrar para ele que a comunidade e as pessoas que se vêm nela são diferente daquilo que ele pensa ou então vai viver na ignorância eterna.

Falar um pouco da realidade de vocês mas dentro daquilo que vocês percebem até enquanto moradores da comunidade. Qual a influência deste conceito estereotipado e estigmatizado para a comunidade de vocês? Para as pessoas que vcs convivem, para os amigos, seriam interessante trazer um pouquinho isto.

- G.

" Meus pais eles são nordestinos, vieram para cá há mais ou menos 25 anos. E, eu nasci na comunidade do Jacarezinho e me mantenho até hoje, tenho 21 anos e meus pais sempre tentaram me colocar ... sempre tentaram me dar uma boa educação, colocar em bons colégios, na medida do possível, do poder aquisitivo deles eu estudei em colégios particular desde do início até a sexta série e depois eu cursei dois anos no colégio público e quando eu fui para o 2º eu tinha 14 anos e com 14 anos eu já tinha na minha cabeça o que eu queria. Então eu fui corri atrás do meu futuro sem precisar dos meus pais mesmo porque os meus pais tem mais idade, então o futuro era meu eu que tinha que correr atrás. E, eu passei uma noite na fila para conseguir fazer uma inscrição. E, e consegui fazer a minha inscrição, fiz a prova dentre... entre quatro pessoas eu fui a única que passei. Fui estudar lá em Irajá, todo dia era uma batalha para mim ir eu acordava 5 horas da manhã e, tinha que está lá 7 horas da manhã. Pois, eu pegava o ônibus voltava para casa, mais uma hora de viagem era muito exaustivo mas, foi recompensado depois. E, assim que eu terminei o 2º grau eu me precipitei e fui logo fazendo inscrição para uma universidade particular, fiz a prova passei claro mas ... eu parei e pensei, não é isso que eu quero e, fui correr atrás de um pré vestibular. Tentei três anos e consegui

mora no Jacarezinho. Aí eu falei: Ué não parece por que? Tem alguma diferença de quem mora na favela de quem mora num bairro? Ah porque você é uma menina educada, é nem parece que mora em favela, geralmente quem mora em é... é... mal educado, xinga não sei o quê. Quando você entrou aqui, eu pensei que... a gente ficou meio assim em colocar você porque ... por causa que você morava num... no Jacarezinho, mas aí depois a gente foi te conhecendo e viu que você era uma pessoa legal. Não sei como que pode seus pais é... deixarem você conviver num local como o Jacarezinho. e eu falei não, mas lá não é essa coisa toda que a televisão mostra, a mídia mostra. Lá é um lugar normal, como se fosse um outro lugar. O problema que tem é que tem o tráfico, tem os problemas que outro bairro comum também tem. Aí também acho que as pessoas ficam muito assim por causa da televisão. A televisão mostra o tempo todo tiroteio. Tantas vezes eu chegava lá eles ficavam e aí tá tendo tiro lá no Jacarezinho? Eu não escutava nada! Eles que tavam lá sabiam mais do que eu que morava aqui. Aí é que a televisão bota muito aquela visão de que você que tá na favela você vai, tá correndo risco de vida, pode levar um tiro e as vezes num lugar que nem é favela você tá pior, mais... tá correndo mais risco do que lá, dentro da favela. Eu pelo menos aqui nunca tive, nenhuma experiência assim tão ... tão assim, geralmente outro bairro, por exemplo Botafogo eu já fui quase assaltada e aqui nunca tive nenhum problema.

E.

Geralmente assim, eu não assumo que eu moro em favela quando eu estou com pessoas estranhas, dentro de ônibus ou outras situações pelo medo mesmo dessa guerra de facções e eu costumo assumir quando eu estou em lugares onde eu sei que isso vai reforçar a imagem que o favelado não é uma pessoa mal educada essas coisas. Na faculdade por exemplo, eu escuto várias piadas. Ah você é prima do Beira-mar. Como se tudo dentro da favela tivesse ligado ao tráfico. Eu tenho uma experiência também que a minha irmã, trabalha e o tempo todo ela fica escutando piadinha, que ela é parente de não sei quem... Como é que tá o Belo esse tipo de coisa. E eu tenho um problema também de trazer amigos aqui porque realmente é constrangedor você trazer uma pessoa que não mora na favela e você passa e vê o tráfico na rua quer dizer você fica morrendo de vergonha a gente fica com medo também. Porque apesar de a gente morar na favela, a gente não tem contato com o tráfico e por mais que a gente veja isso a gente não consegue se acostumar com isso. *A gente nem é igual e também não sabe o que fazer pra ser diferente* então a gente tem que tentar mudar essa imagem da favela provando que pessoas educadas podem muito bem morar em favela e continuar com a sua integridade.

A.

Geralmente, a gente tá falando dos pontos... do que faz a gente... do lado bom da favela. Que geralmente a gente lá fora é assaltado mas aqui a gente... não acontece de ser assaltado mas por outro lado a gente na verdade é quem sofre muito mais com a violência do que as pessoas que estão lá fora porque perante a lei todos nós somos cidadãos mas a gente na favela não é tratado como cidadão. A polícia pode invadir a nossa casa na hora que quer. Pode alegar o que quiser e inventar o que quiser que esteja dentro da sua casa e geralmente nós somos mais vítimas ainda pq eles fazem isso justamente com as pessoas que nada tem a ver com o tráfico. As pessoas são... ficam oprimidas e intimidadas a deixarem eles fazerem o que eles quiserem com a gente. Então aqui na verdade a gente sofre muito mais repressão, muito mais violência do que as pessoas lá fora. O simples fato de vc não ser assaltada aqui, não acontecer de ser assaltada aqui mas acontecer de ser assaltada lá fora não é tão grave quanto o fato de vc poder, alguém poder invadir a sua casa a qualquer momento tanto polícia quanto bandido que

passar, estou dentro de uma universidade pública e..., sempre procuro deixar bem claro para as pessoas onde eu moro, da onde eu vim e o que eu represento dentro da universidade, o que eu signifique pra ela. E eu convivo com muitas pessoas dentro do meu curso que vieram de pré-vestibular comunitário e tem uma visão parecida com a minha.

C.

" Eu sou filho de uma retirante nordestina, moro no Jacarezinho desde os sete anos, estou com 22 anos, e minha mãe lutou para me dar o ensino que ela achava importante até a conclusão do ensino médio e, eu botei na minha cabeça que ter aquilo ali já estava muito bom, eu não acreditava na educação. Hoje em dia tinha mudado um pouco o meu pensamento e estou estudando de novo e, estou vendo que eu tinha muitos motivos para não acreditar. A questão da..., a outra questão que nós temos que falar é do que atrapalha neste estereótipo, esta coisa que as pessoas têm da favela, ou seja, geralmente quando as pessoas nos conhecem vêm fazendo aquelas mesmas perguntas de sempre, aquelas mesmas brincadeiras de sempre e ..., acho que também eu não me preocupo com isso por que acho que não vale apenas mudar um pessoa ou outra, acho que a favela tem que trabalhar para ela mesmo, acho que é aqui dentro é que a gente muda as coisas e, é a partir daqui de dentro é que as pessoas vão nos conhecer, por mais que você fale para uma ou duas pessoas que você conheça, o que ela conhece da comunidade não é a realidade da comunidade. Isso, pouco vai mudar porque se ela não acreditar ela não vai conseguir passar aquilo pra frente. Então acho que a mudança tem que ser feita aqui dentro.

-

- M.

"Meus pais também são nordestinos eles vieram para cá bem jovens, com 18 anos, eu nasci aqui no Jacarezinho, fui criada aqui e os meus pais sempre deram a maior força sempre apoiaram a gente nesta parte de educação de estudar. Sempre minha mãe falou o que ela não pode estudar, ela queria que nós duas estudassem, meu pai também e..., eu cursei o primeiro grau aqui no salesiano é particular mas, apesar de ser em uma comunidade a maioria dos alunos são bolsistas e depois eu fui para o salesiano do Riachuelo e lá a gente percebe a diferença assim, sendo duas escolas particulares a discriminação que é com relação aos alunos que na época nós fomos a primeira turma do Jacarezinho que foi para lá. Na época acho que era maio ou menos uns cinco alunos daqui que foram para lá. Então era..., assim completamente diferente, apesar da metodologia de ensino ser o mesmo, os professores ficavam falando que o pessoal que estava ali eram privilegiados que ao redor só tinha favela que a realidade fora dali era completamente diferente, que eles estavam rodeados de marginais e a gente ali é..., naquele local se sentia assim discriminados. Eu nunca gostei, eu odiava estudar naquela escola porque a gente não conseguiu fazer amizade, não conseguiu se..., integrar com as pessoas lá só porque elas eram totalmente mesquinhas é..., não tinha a mesma visão que a gente tinha de comunidade

O fato de vocês morarem no Jacarezinho influenciou neste processo?

M.

Com certeza eles ficavam o tempo todo jogando piadinha, a pessoal ai do Jacarezinho..., elas moram no Jacarezinho, pessoal do Jacarezinho..., e sempre que tinha trabalho em grupo era sempre o grupo que eram do Jacarezinho faziam todo mundo junto a gente nunca conseguia se entrosar com o pessoal de lá, até porque assim é completamente diferente, as conversas eles só falavam em roupa em sair, a gente vivia outra realidade. Até os próprios professores, eu lembro uma vez que teve uma aula que o professor começou a falar que o Jacarezinho era isso que as pessoas do Jacarezinho era aquilo e a gente ficou assim, na época a gente ficou revoltados. E fomos até a direção e falar o que ele não podia falar aquilo. Ele, não podia

generalizar todo mundo que era do Jacarezinho era marginal. Uma vez também uma professora passou uma redação e falou que o tema da redação era..., falar sobre as favelas, então ela foi e se expressou assim: pra gente falar sobre os favelados e as pessoas que moram em comunidades e a gente ficou revoltados, a gente na própria redação, agente começou a falar que o fato da pessoa morar em uma comunidade não quer dizer que ela seja favelada..., favelado não é sinônimo de pessoa que mora em uma comunidade. Que as pessoas de comunidade..., nós por exemplo morávamos em uma comunidade e não éramos favelados e, depois ela leu a redação e..., não comentou mais nada.

Qual é o conceito que você tem de favela? "Eu acredito que seja um local como se fosse uma..., onde as pessoas mais desfavorecidas convivem mas, o que difere no caso é a infraestrutura, não tem a mesma infraestrutura que tem em um bairro, tem as dificuldades com saneamento básico, as casas mas as pessoas em si são pessoas conscientes, são pessoas educadas não tem essa coisa de favelado, tem pessoas que moram em bairros que são favelados tem pessoas que moram na favela e que não são faveladas - favelados acredito que seja uma pessoas... esse conceito de favelado eu não concordo as pessoas falam favelados como se fossem uma pessoa mal educada e não uma pessoa que mora em uma comunidade (Você não concorda com o termo ou com o conceito?) o conceito que eles dão ao termo) vejo como uma forma de ridicularizar as pessoas.

O que é favela para você?

A.

" Para mim favela é o nome que se é dado oficialmente e que todo mundo conhece de uma comunidade carente. Sendo que este é o meu conceito eu acho que favela é uma comunidade carente...

E.

"Trabalhar na favela e deixa os filhos na favela, não vendo por esse conceito de violência mas, vendo por um lugar onde moram pessoas carentes, a maioria dos traficantes que se formam hoje são exatamente crianças que os pais não podiam estar em casa por que tinha que trabalhar e eles foram criados a própria sorte. Quando foram procurar empregos não tinham estudos suficientes porque os pais não podiam está ali cobrando estudo o dele e, não consegue arrumar emprego, quer dizer, é discriminado pela sociedade que não está se preocupando no que ele está criando porque, quando ele fecha uma porta e discrimina uma pessoa porque ela mora numa favela, ela está criando um ciclo vicioso, porque ela vai voltar para favela e vai se virar por lá mesmo. O que ela tem para fazer? O tráfico, porque quando uma sociedade não acolhe uma pessoa, o tráfico acolhe... faz o papel de pai mãe, amigos daquela e acaba sendo um circulo e a favela acaba tendo esse ar de violência, mas também, criado dentro dessa estrutura de que o pai precisa sair para trabalhar, as vezes, o pai do traficante é uma pessoa trabalhadora que veio nordestino que veio para cá com várias esperanças e não tem muito o que fazer, porque, ele vai trabalhar de porteiro num prédio para ganhar uma miséria para sustentar vários filhos. Ele não tem dinheiro para sustentar aqueles filhos e não tem dinheiro para pagar uma babá, uma creche que não tem creche, hoje em dia é até mais fácil, mas antigamente nem era e, quer dizer, as crianças hoje bem mais cedo do que antes estão entrando nesse círculo vicioso".

G.

"Tem-se duas visões distintas de favela: tem-se a visão da pessoa que mora na favela e da pessoa que mora fora. Quem mora fora ver a favela como que: um local feio onde, existem casas encima de casas, pessoas que se veste mal, que tem formas físicas feias, que não

correspondem aquelas que nós vemos na televisão, são pessoas mal educadas, são pessoas que não têm nenhum tipo de ... formação. E, são pessoas que vieram, geralmente, do nordeste e por ser nordestino já tem um discriminação a mais, são negras esfarrapadas esse é conceito de favela que as pessoas lá de fora tem...e, o conceito de favela que eu tenho, justamente por morar aqui é justamente o oposto: são pessoas que vieram do nordeste pra batalhar o futuro aqui dentro porque, nos seus estados não tinha condições de sobrevivência. Então, vieram tentar uma vida no Rio de Janeiro ou em São Paulo numa grande metrópoles, chegando aqui elas não encontrou o que elas imaginavam é... uma boa casa o que elas vêem na televisão. Elas acabam se acoplando dentro de favelas e morando uma por cima das outras, criando seus filhos aqui muitos partem até para o mundo da criminalidade mas..., a maioria desses pais que tem os filhos aqui eles tentam um estudo uma boa educação para os seus filhos para que eles tenham um futuro distintos do deles. Para que eles possam crescer estudar, ter uma boa formação e representar muito bem a favela lá fora para mudar o conceito que as pessoas tem dela;

C.

Favela é isso ai tem e pode ter muitos conceitos, principalmente dois: um conceito de que mora na favela e de quem não mora na favela, praticamente tudo já foi falado. Mas..., favela do ponto de vista, do meu ponto de vista que mora na favela o que eu melhor posso falar é um grupo de pessoas que se juntou e desde o começo já começou junto é..., e ai que é a força da favela. Se você for fazer uma favela sozinho você não consegue fazer uma favela. Então, as pessoas que começaram desde princípio que se reuniram nas favelas começaram unidas, trabalharam unidas para a manutenção do espaço delas então isso impregnou um pouco nas comunidades. E, favela é isto ai pessoas que lutam juntas para sobreviver pelas suas próprias forças, tendo em vista que o estado faz muito pouco por quase todas as pessoas principalmente as pobres e muito menos ainda pelas pessoas da favela então, quer dizer, é este espírito de coletividade que esta dentro da favela, favela para mim é isso, é na favela que a gente tem o que a gente precisa, o que a gente tem conquistado tem lutado para ter.

- L.

"favela para mim é um amontado de poucos recursos, que a gente tem ciências disso, que a maioria das pessoas que moram dentro da comunidade são pessoas de poucos recursos. Mas, de maioria trabalhadora e batalhadora.